

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *FOLHA DE PAZ*Data *04/11/79*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Projeto sugere criação de creches em empresas

Brasília (FT) O deputado Carlos Nelson (MDB-SP) defende a criação de berçário, creche e parque infantil em empresas com mais de 100 empregados, considerando que tal providência legal resultará em saudáveis benefícios para a comunidade nacional com a eliminação dos problemas gerados pela multiplicação do número de menores abandonados.

O parlamentar observa ainda, que o atendimento aos menores deverá ser até os dez anos de idade, período em que "necessitam de maior atenção e cuidados da família", o que hoje não pode ser dado porque os membros maiores, especialmente pai e mãe, são obrigados a trabalhar para garantia do sustento do grupo familiar.

Por outro lado, esclarece o parlamentar, ocorrerá uma natural elevação de custo da produção com a criação de um instrumento de real assistência ao menor mantido pelas empresas. Adverte, porém, que es-

te sacrifício da comunidade nacional se faz necessário para um racional encaminhamento de um problema que se agrava e afeta a todos indistintamente.

Para efetivar, o objetivo pretendido, Carlos Nelson apresentou o projeto de lei, ora em tramitação na Câmara dos deputados, no qual as empresas com mais de 100 empregados que não criarem os mecanismos de assistência aos filhos de seus empregados serão punidas, com multa equivalente a um salário-mínimo por cada mês de não cumprimento da obrigação.

Os recursos arrecadados pela aplicação de multas, segundo o deputado Carlos Nelson, devem ser recolhidos à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, a fim de complementar suas necessidades financeiras para execução de seus programas. O parlamentar deseja a implantação de seu projeto no ano seguinte ao da sua aprovação.

Onde falta a mulher geme o pobre

Sr. Redator:

No momento em que os trabalhadores procuram fundar o seu partido, tenho por certo que não há de faltar a presença da mulher. Já o sábio disse: "onde falta a mulher geme o pobre".

As estruturas patriarcais, na mentalidade burguesa da época, relegaram a mulher aos tão somente misteres domésticos. Foram derrubadas as estruturas de antanho; dentro das novas estruturas democráticas, vemos as mulheres até no campo de combate ao lado dos homens.

A mulher, é a grande explorada no sistema capitalista, dentro do próprio lar, ao lado do homem, não menos explorado como eles são.

Se me deixar falar, é livro depoimento, de Domitília Barrios de Chungara, dos Andes Bolivianos, esposa de um trabalhador mineiro, mãe de sete filhos, do Comitê das Donas de Casa da Siglo XX.

Domitília é bem a mulher forte do Evangelho, que está dizendo às mulheres dos nossos trabalhadores: "acompanhem-



me, eu conheço os caminhos".

O grito de Domitília é o grito não só do povo da Bolívia, mas de todo o continente, que Domitília colonesa à luta, pela libertação de um povo que sofre.

A luta de Domitília é também, a luta da mulher brasileira, cujo marido, como o de Domitília, sofre a exploração de homem pelo homem.

Dos conselhos que Domitília dá aos de sua nação, servem, também, para os da nossa.

No trabalho da organi-

zação dos trabalhadores é preciso todo o cuidado na escolha dos dirigentes. Aos dirigentes o nosso cuidado, a nossa vigilância, a nossa crítica construtiva. Cuidado com os mascarados de trabalhadores que no fundo são manipuladores da classe, embora de mangas arregaçadas.

Também é dever das bases controlar os líderes que se perfilam. Não subestimar o povo, porque o é fonte inesgotável de sabedoria.

As mulheres trabalhadoras e mulheres de tra-

balhadores, devem conhecer a luta revolucionária de Domitília Barrios de Chungara, pois, pela sabedoria desse povo, podemos ver, claramente, todas as injustiças. E isto acendeu em mim — diz ela — uma chama que somente a morte apagará.

Padre Milton Santana
— Campinas — SP

Nota da Redação: A carta se refere ao livro: "SE ME DEIXAM FALAR", de Domitília Barrios de Chungara — 304 páginas 4.ª edição — Editora — Símbolo.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Estado de São Paulo*Data: *04/11/79*Pág. *34*

Pasta n.º

N.º do recorte

Creches começam este mês

Terão início ainda este mês as obras de construção de duas creches nas favelas de Vila Teresa (Ipiranga), Vila Curuçá, Vila Maria e Vila Guilherme. As obras fazem parte do Plano de Melhoria de favelas, que prevê até dezembro a construção de outras 15 creches em oito administrações regionais, com gastos de 13,4 milhões de cruzeiros, além da instalação de água, luz e coleta de lixo. O projeto foi elaborado pela Secretaria de Serviços e Obras e prevê em cada unidade uma área de 160 metros quadrados, onde serão instalados um galpão de 9,60 metros por 6 metros, três salas, lavatórios, cozinha, área de serviço, despensa e dois sanitários. Serão construídas em tijolo de concreto, revestidos com pintura de latex e terão piso de cimento. A manutenção será feita pela Coordenadoria do Bem Estar Social.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *ECO*

Data: 05/11/79

Pág. -

Pasta n.º

N.º do recorte

Irmã Irene ainda tenta salvar o Lar das Crianças

O Lar Nossa Senhora da Consolação, situado à rua Gravataí, ao lado da praça Roosevelt, sofreu séria ameaça de despejo, há cerca de seis meses, quando uma construtora mostrou-se interessada na aquisição das duas casas onde está instalado.

A irmã Irene Alves Lopes, responsável pela entidade, que abriga 200 crianças, reagiu à intenção da empresa, iniciando imediatamente uma campanha com vistas a arrecadar 10 milhões de cruzeiros valor oferecido pela construtora, recebendo, então, da proprietária dos imóveis a garantia de que teria prioridade no negócio, caso dispusesse daquele montante.

Irmã Irene apelou a amigos, conhecidos e à população. Dos 10 milhões de que necessita, ela conseguiu juntar, até o momento, perto de 2 milhões de cruzeiros e diz ter esperança de, até o final do ano, chegar aos 2,5 milhões. Ela diz: Não estou tão desesperada como em julho, quando vi o Lar ameaçado. Mas quero conseguir o dinheiro o mais rápido possível para comprar as casas. Não sei quando isso ocorrerá, porém, tenho certeza de que Deus vai me ajudar a salvar o Lar das Crianças.

Conforme explicou, o desespero deixou de existir porque a construtora desistiu de adquirir os imóveis, não havendo, portanto, prazo para realização do negócio.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*
Data: *07/11/79*
Pág. *-*

Pasta n.º

N.º do recorte

Prefeitura *F.P.* vai manter *7/11/79* 500 creches /

Será elevado de 120 para 500 o número de creches mantidas pela Prefeitura, de acordo com programa global de expansão fixado pelo Conselho de Desenvolvimento Social (Codeso), que esteve reunido, ontem, sob a presidência do prefeito Reinaldo de Barros.

As novas unidades — destinadas a crianças de até 6 anos — serão instaladas principalmente na periferia, com recursos do Projeto Cura (comunidades urbanas de recuperação acelerada) e administração da Coordenadoria de Bem-Estar Social (Cobes).

Paralelamente, foi discutido o uso múltiplo dos equipamentos sociais da Prefeitura, que, quando desocupados, poderão servir para outras finalidades. Segundo o coordenador do Planejamento, Cândido Malta, as escolas, os clubes desportivos municipais, as bibliotecas, creches e as escolas de educação infantil poderão ser reutilizadas para reuniões de clubes de mães, organizações comunitárias e outras atividades fora do seu horário normal de funcionamento.

Periferia de SP

terá 380

novas creches

Será elevado de 120 para 500 o número de creches mantidas pela Prefeitura, de acordo com Programa Global de Expansão fixado pelo Conselho de Desenvolvimento Social — Codeso, que esteve reunido ontem sob a presidência do prefeito Reinaldo de Barros.

As novas unidades — destinadas a crianças de até seis anos — serão instaladas principalmente na periferia, com recursos do Projeto Cura (Comunidades Urbanas de Recuperação Acelerada) e administração da Coordenadoria de Bem-Estar Social — Cobes.

Paralelamente, foi discutido durante a primeira reunião do Codeso, na atual administração, o uso múltiplo dos equipamentos sociais da Prefeitura, que, quando desocupados, poderão servir para outras finalidades. Segundo o secretário-coordenador do Planejamento, Cândido Malta, as escolas, os clubes desportivos municipais, as bibliotecas, creches e as escolas de educação infantil poderão ser reutilizados para reuniões de clubes de mães, organizações comunitárias e outras atividades fora do seu horário normal de funcionamento.

PROGRAMA-PILOTO

Adiantou que um programa-piloto com essa finalidade será implantado pela Prefeitura nas regiões de Campo Limpo e Santo Amaro para que, através do seu funcionamento e viabilidade técnica, possa ser estendido a outras áreas da cidade. Esse programa de atividades será esquematizado no prazo de uma semana.

Participaram do encontro de ontem os secretários de Serviços e Obras, Paulo Gomes Machado, das Administrações Regionais, Francisco Nieto Martin, da Educação, Jair de Moraes Neves, de Esportes, Roberto Roth, de Higiene e Saúde, Mário Altenfelder, o chefe do Gabinete do prefeito, Orlando Arnaud, além do secretário-coordenador do Planejamento.

mulheres, quem somos?

A II Semana da Mulher em Campinas, na semana passada, reuniu funcionárias, estudantes e professores da Unicamp, trabalhadores, donas de casa e médicas da cidade. Os debates com outros grupos de mulher, com jornalistas e sociólogas, fizeram viver a pergunta: "mulher, quem somos?", e mostraram que, como nas palavras de uma delas, a história das mulheres está por ser escrita.

O importante é que em Campinas as mulheres discutiram sua sexualidade ignorada e reprimida, as repressões, e os preconceitos sociais, particularmente vivos nas academias. Ainda a homossexualidade, a dupla jornada de trabalho e a necessidade de uma organização autônoma mas não institucional dos grupos e mulheres.

O próprio espaço das mulheres na Universidade também foi analisado. A representante da chapa de oposição da ASSUC (Associação dos Servidores da Universidade) examinou a experiência da greve deste ano, a dificuldade para as mulheres conquistarem a palavra, as reações de nervosismo logo classificadas de histeria, os problemas para conciliar participação e vida familiar: "Vamos passar as reuniões para o sábado de manhã porque senão vai terminar a greve e o casamento também."

Um outro tema veio completar a discussão: a especificidade do discurso feminino como expressão da inadequação das mulheres ao exercício do poder, consequência de uma longa história de marginalização.

As mulheres militantes no movimento estudantil tam-



bém analisaram sua experiência: o processo de endurecimento e de agressividade que desenvolvem para sobreviver, para falar numa assembléia, para se fazer respeitar. Por que no movimento estudantil, os homens defendem suas posições e as mulheres votam com "seus" homens. Por que, conforme depoimento de uma estudante, se disse em um tempo não muito remoto, que uma companheira estava "sob hegemonia pical" (sic) para explicar seu comportamento político.

As questões que apareceram no anfiteatro da UNICAMP nada tinham de acadêmicas. Como na fábula de Kafka que Suzy contou, traziam a marca de algo não domesticado, de selvagem, de desviado, que está por detrás do discurso e da luta das mulheres em busca do seu espaço. E consideraram que a questão feminina como disse Christine Bruce Gruksmann, é uma "questão integralmente política, e não um complemento de boa consciência, de linguagem ou de mentalidade, que se pode acrescentar às reivindicações clássicas do movimento operário e às práticas políticas existentes.

(Elisabeth Souza Lobo)

as mulheres e "doca" street

A carta que transcrevemos a seguir é assinada pelos grupos: Centro da Mulher Brasileira, Associação de Mulheres, Grupo "Nós Mulheres", Pró-Mulher, Brasil-Mulher e Centro para o desenvolvimento da Mulher, todos de São Paulo. Nesta carta esses grupos traduzem seu posicionamento acerca do julgamento de "Doca" Street.

"As mulheres de São Paulo, representadas por várias organizações femininas e feministas, lançam o seu protesto contra a farsa jurídica em que se transformou o julgamento de Raul Fernando do Amaral ("Doca") Street, no qual, sob o pretexto de defender a moral, foi empregado todo o repertório do vocabulário machista para vilipendiar uma mulher que não poderia obviamente se defender, por estar morta.

Consideramos esse caso apenas como um sintoma de um mal muito mais geral, que é a posição de inferioridade em que a mulher é mantida na sociedade patriarcal na qual vivemos, que usa para julgar homens e mulheres, critérios muito diferentes, que caracterizam a dupla moral e a hipocrisia da ideologia que a sustenta.

Acreditamos que não são os representantes dessa sociedade apodrecida, uma minoria que, graças à

exploração da grande maioria do povo brasileiro, pode se permitir a "dolce vita" e o cultivo de seus vícios não muito privados - os mais indicados para pregar moral ou para justificar seus crimes em nome da moral.

A sentença, que equivale praticamente a uma absolvição, é um verdadeiro escárnio num país em que cotidianamente se prende, se tortura e se mata gente que não teve a mesma sorte de nascer em famílias de nome tradicional, de privar com a nata dos empresários ou de receber a proteção da máfia internacional de tóxicos.

O comportamento, o passado ou a personalidade de Ângela Diniz não autorizam que, em nome de um pseudo-amor, se assassine frie e impunemente um ser humano, pois as mulheres não são propriedade dos homens.

Aproveitamos a ocasião para também protestar contra os crimes impunes que vitimaram Cláudia Lessin e as meninas Ana Lúcia e Araceli, todas mortas de maneira bárbara. Seus assassinos continuam soltos porque pertencem às classes abastadas.

Casos como esses enxovalham a justiça brasileira tanto quanto figuras como Hélio Bicudo e os juizes João Gomes Martins e Melic Urdan a honram."

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *SM TEMPO* (88)

Data 01-07 11 1979

Pág. 2

Pasta n.º

N.º do recorte 0.462.1

anistia

Realizou-se em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, de 18 a 21 de outubro, o 1º Congresso Regional de Advogados, que contou com a participação de cerca de 500 advogados.

No Congresso o Movimento de Anistia e Direitos Humanos apresentou uma tese que foi aprovada, onde os advogados decidiram, entre outros pontos, prosseguir a luta pela anistia ampla, geral e irrestrita, enviar uma mensagem ao governo exigindo interferência junto ao governo uruguaio pela libertação de Flávia Shilling, exigir esclarecimentos sobre a situação dos desaparecidos, cuja lista se encontra no Ministério da Justiça, e exigir a entrega dos corpos ou a indicação de onde se encontram sepultados os guerrilheiros mortos no Araguaia.

Além disso, foi formado o Departamento de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Mato Grosso do Sul.

(Ricardo Brandão)

**ELA É BRASILEIRA.
ESTÁ PRESA NOS CÁRCERES
URUGUAIOS DESDE 1972.**

O GOVERNO
BRASILEIRO É
CADA UM
DE NOS
É RESPONSÁVEL.

**LIBERDADE
PARA
FLÁVIA**



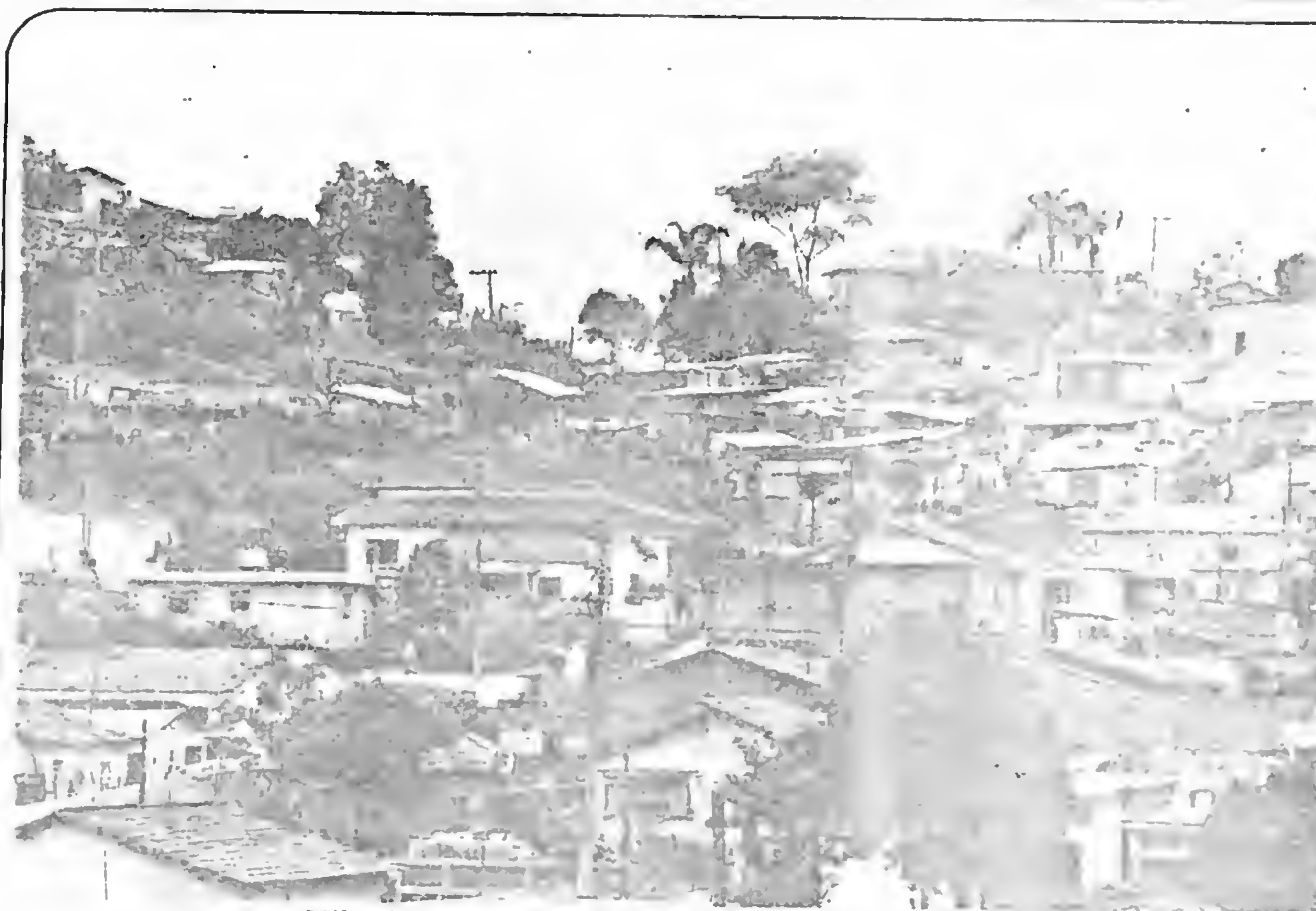
Este unionen será publicado por este
jornal até o dia da libertação de Flávia

SANTO DIAS E A ZONA SUL DE SÃO PAULO

Vida operária em bairro operário

A vida de Santo na operária e combativa Zona Sul de São Paulo. Uma região de oposição sindical, de Movimento Contra a Carestia, de movimento de loteamentos clandestinos, de luta por creches...

José Wilson



Eduardo Simões/Agência F4



Vila Santa Teresa, Zona Sul de São Paulo, o bairro da vida e das lutas de Santo e Ana. Ao lado, a casa de dois quartos, sala e cozinha da vida modesta e combativa do casal.

Caminhandopara o cemitério de Campo Grande, onde Santo Dias da Silva ia ser enterrado, uma senhora, moradora de um bairro próximo de Diadema, consolava a vizinha que chorava: "Ele não morreu. Está vivo em nós. Viu na praça da Sé? Quando um dos nossos morre, a gente tem que gritar, mostrar que está unido, que tem revolta. Ele é um herói nosso, não morre nunca".

O bairro de Vila Clara, onde as mulheres moram, é um dos extremos de Santo Amaro (zona sul da cidade) e foi ali que o operário Santo Dias — 37 anos, pai de um menino de 13 anos e de uma menina de 12, Santo é Luciana — ganhou sua consciência política, crescendo com as lutas de sua classe e dos seus vizinhos, nesse aglomerado que concentra o maior contingente de grandes empresas e operários metalúrgicos da cidade de São Paulo (as maiores empresas do setor, como a Metal Leve, Villares, MWM, Caterpillar e 150 mil trabalhadores da categoria).

A Zona Sul ensinou

Os bairros e vilas da zona sul foram nascendo a partir das mãos dos trabalhadores, ganhando espaço no meio das matas. Atrás, vieram as fábricas, que, por sua vez, trouxeram mais trabalhadores. Hoje são mais de 600 mil moradores, entre casinhas que se empurram pelos morros e favelas que se expandem em loteamentos clandestinos, sem hospitais, sem postos de saúde, sem creches públicas, sem nada.

A região da zona sul é onde se desenvolve o mais poderoso movimento operário de São Paulo, ao lado do mais diversificado e forte movimento popular. Lá se desenvolveram os clubes de mães que vieram a ser a nascente do Movimento Contra a Carestia, ponto de partida do novo crescimento da oposição sindical metalúrgica. Por essas características a zona sul mereceu a mais apurada atenção do aparelho repressivo. Ali se instalou o delegado Fleury, como responsável policial da região após seu "afastamento" do DEOPS, mais tarde substituído — quando foi elevado ao DEIC — por seu fiel seguidor Paulo Boncrístiano, ex-integrante do DOI-CODI, onde prestou "relevantes serviços" aos seus chefes, nos mais negros anos da ditadura.

Santo Dias, que seus companheiros, vizinhos, parentes e amigos unanimemente descrevem como um homem tremendamente sensível, aprendeu tudo da zona sul, aprendeu os ensinamentos da vida nas fábricas onde trabalhou desde 1962, quando com seus pais e seus 7 irmãos, deixou uma vida dura de roça, primeiro em sua terra natal (Terra Roxa, São Paulo) onde a família era agregada numa fazenda, depois em Viradouro por um ano, indo para a roça todo dia numa carroça, plantar à meia.

As primeiras greves

Lutas ele tivera antes, mesmo no campo, mas ainda com a visão das coisas pelo lado simplesmente econômico, por causa de pagamento. Nas fábricas, onde entrou como aprendiz e foi subindo na prática (só tinha o curso primário) até chegar a inspetor de qualidade (Santo ganhava cerca de 12 mil cruzeiros mensais na Filtros Mann). No primeiro emprego, na Metal Leve, ficou 8 anos e ali começou a aprender sobre as lutas operárias, participando como elemento de massa em greves acontecidas em 62, 63 e 64, naqueles tempos em que existiam os delegados sindicais nas fábricas mas não havia um trabalho efetivo de formação dos quadros operários e nem um aprofundamento das ligações com as bases. Os trabalhadores ficavam sabendo que havia ordens para decretar greve com muito boletim e muito noticiário e vinha a greve, pronto, parava. Santo participou assim, nem sequer se sindicalizou. Pensava mesmo era em voltar para o campo, sonhando com a reforma agrária prometida pelos políticos. Só foi pensar em participação ativa em 68, com os reflexos da greve de Osasco e com a grande manifestação operária na Praça da Sé, no 1º de Maio de 1968. Ali entrou e ligou-se à oposição, chamado por um companheiro da Metal Leve.

Por esse tempo a Vila Santa Teresa para onde Santo se mudaria depois do casamento com dona Ana, era de poucas casas, estava se formando. Mas ele andava por toda a região vizinha, de Santa Margarida, Vila Remo e cercanias e já em 68 fez um boletim chamando os moradores do lugar para uma assembleia operária em Santo Amaro. Ao mesmo tempo organizava grupos de teatro e participava da vida na Igreja do lugar, ao lado da companheira.

Em 71, depois do encontro de bispos latino-americanos em Medellín, a Igreja partiu mais diretamente para a ação junto às bases populares e foi aí que o Padre Angelo (ainda hoje na região) e Irma Passoni, então freira e hoje deputada estadual, promoveram um curso no bairro, sobre as resoluções de Medellín. A aplicação prática da Teologia da Libertação foi generalizada na zona sul a partir de então e deu grande alento às comunidades cristãs, que se formaram em grupos de mães, de jovens, etc. No bairro de Santo foi a mesma coisa e sua experiência de operário combativo, embora ainda incipiente, foi importante para as primeiras lutas que ali se desenvolveram, primeiro reivindicando um posto de saúde e depois lutando por condução e por escola, ocasião em que 18 bairros se uniram, através de movimentos religiosos de diversas crenças e sociedades de amigos de bairro.

Ao mesmo tempo nascia o Movimento Contra a Carestia, onde Santo teve um papel importante também. A Pastoral Operária também se iniciava em 73 e sua presença também foi significativa para sua criação. Aliás, em todos os movimentos que surgiam nos bairros, o incansável militante operário dava sua colaboração, representando grande ajuda a esses movimentos, não só por sua capa-

cidade de organização mas também por seu profundo senso de percepção quanto à vontade da maioria e sua reconhecida exigência de voltar sempre o trabalho para as bases e ampliar as lutas, que ele desenvolvia através de um paciente trabalho de conversar muito, discutir tudo com todos, explicar, ouvir, vencer, com extrema paciência e dedicação.

A luta na oposição

Grande dedicação ele deu à montagem da Oposição Sindical em São Paulo, de uma maneira geral, e na zona sul, em particular. Em 75 a Oposição Sindical era fraca e ele reconhecia isso. Tentou-se concorrer às eleições, ele era um dos candidatos, mas a falta de um bom trabalho de base para fazer a Oposição crescer fez gorar a montagem da chapa. Em 78 a Oposição tentou outra vez, sendo derrotada pelas manobras do Joaquim Andrade, o superpelego. Santo continuou defendendo a necessidade de um esforço concentrado na atuação junto às bases, raiz do crescimento das lutas, base de apoio para um sindicalismo consequente. Insistiu nisso e era o autor do maior número de sindicalizações entre a turma.

A zona sul, graças à sua concentração operária, graças ao crescimento dos movimentos de massa em seus bairros funda-

mentalmente de trabalhadores, permitiu pôr à prova essas idéias. Na greve de 78 o trabalho da Oposição ganhou alento (apesar dos problemas causados pela divisão em suas fileiras, devido a concepções sobre tática e estratégia para a ação). Santo acreditava na necessidade da unidade entre as forças da oposição para que o movimento operário crescesse. A greve de 78, nesses últimos meses mostrou a necessidade da unidade na prática. E na prática os grupos da Oposição Sindical se uniram na campanha.

Santo teve importante papel nessa busca da unidade em torno de um objetivo comum, sem transigências, sem conciliação. E foi assim que às vésperas da greve, os metalúrgicos da zona sul contavam com centenas de operários mobilizados, apoiados ativamente por numerosas entidades e movimentos populares nos bairros, onde operários como Santo sabiam ser ponto de ligação, indo falar nas missas e até participando da Igreja (primeiro como representante eleito da comunidade de sua vila, depois na pastoral operária, local e regional de São Paulo e interior, depois representante junto à CNBB), na medida do possível participante de movimentos de reivindicação e até assistindo vizinhos preenchendo formulários de impostos e fazendo planta de casa para desentulha-la).

Sem desânimo

Essa unidade entre os homens do movimento operário, essa aplicação correta de uma política operária voltada não só à mobilização mas a uma mais ampla formação política e elevação da participação das bases, defendida e aplicada por Santo, fazem com que seja possível moradores de alguns quilômetros de distância serem capazes de saber indicar onde fica "a casa do operário Santo que foi assassinado", embora não saiba dizer onde fica a rua 1 ou mesmo a Vila de Santa Tereza, onde ele fez sua casa. Essa unidade vagarosa e penosamente forjada nessa região de mais alta concentração operária de São Paulo, são a razão da forte concentração do aparato repressivo naquela região.

Poucos dias antes de morrer Santo dizia a um companheiro: "A gente não tem que desanimar. A luta é lenta e, se a gente trabalha firme e direito, ela cresce sempre. Hoje (primeiros momentos da greve) estamos bem fortes, comparando com alguns poucos anos atrás. Mas ainda estamos fracos, comparando com a força dos patrões, do governo. Mas esse começo me anima, porque o que temos já é bastante prá ver que ninguém segura mais a classe operária, ninguém segura mais o processo de consciência da classe operária".

Como seria imensa a alegria de Santo se visse na quinta-feira os seus dez mil companheiros da zona sul, desfilando vitoriosos nas avenidas, parando as fábricas todas que podiam alcançar na região, usando de todas as suas forças, tomando as praças. Tanta força, crescendo cada vez mais, honrando o sangue do seu herói. Santo Dias.

Ana: "não há vitória sem sangue"

Duas coisas impressionantes se via em Ana Maria do Carmo e Silva, 36 anos, uma das líderes do Movimento Contra a Carestia, viúva de Santo Dias, na manhã seguinte ao enterro do herói da classe operária: seu profundo abalo e uma incrível firmeza, vontade de prosseguir na luta e honrar o sangue de seu marido assassinado. Falou muito pouco, mas o suficiente:

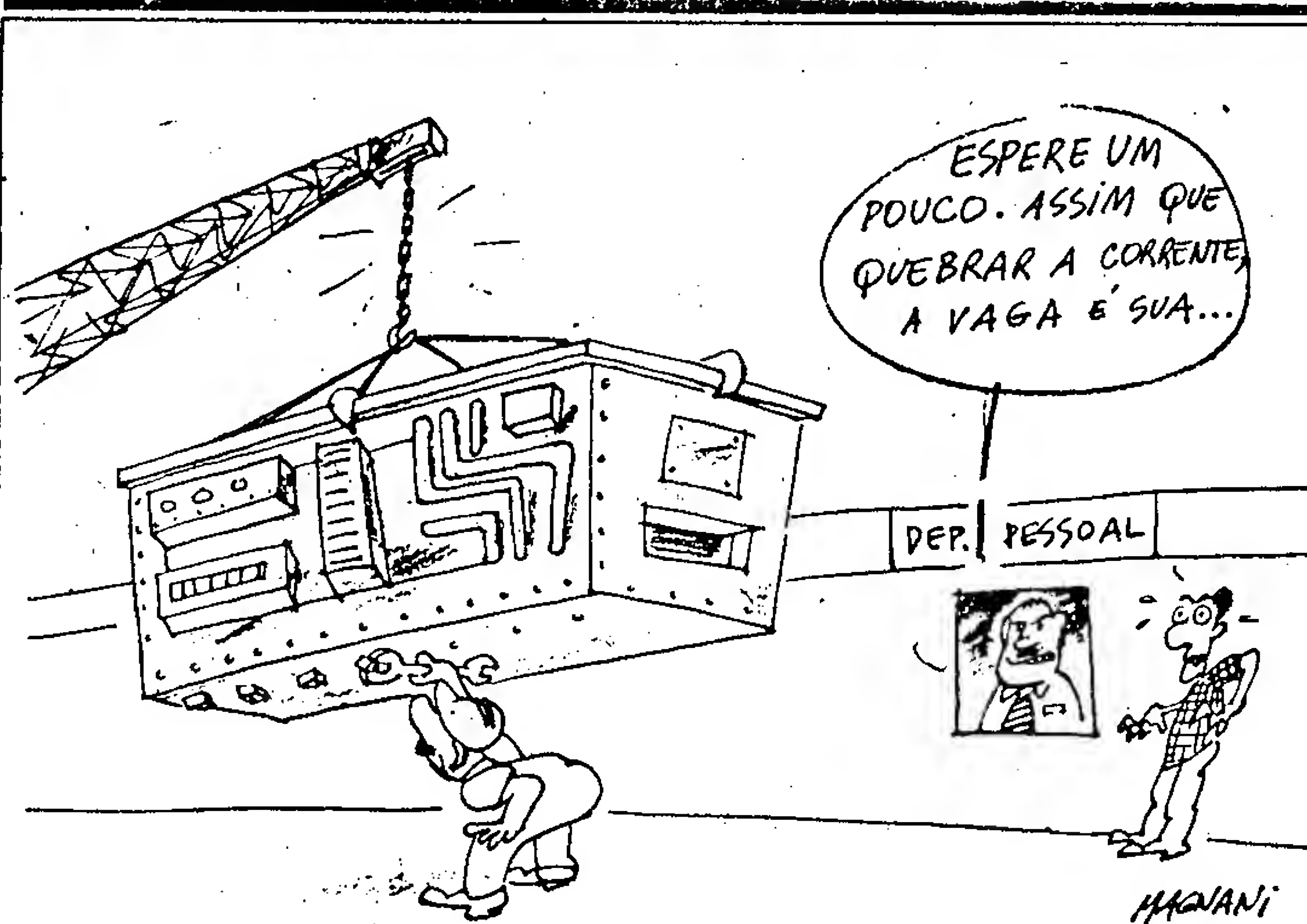
"Uma coisa que eu quero que todas as pessoas saibam: o sangue que o Santo derramou foi em favor da luta operária. Que todos os operários que acham que não é certo morrer assim, pensem que só dá certo, só se consegue as coisas quando se luta. O Santo morreu pelo bem de todos. Eu sei que se ele não tivesse morrido e tivesse ficado ferido, ele não ia ter medo, ia continuar lutando, até a vitória final da classe operária. É preciso falar bem alto, para todo mundo ouvir que a vida para ele era a luta, que a gente tem que lutar até a morte. Santo derramou seu sangue, mas não há vitória sem sangue. Muitos, muitos mais vão morrer, porque o governo está assassinando, matando também pela fome, pela exploração. O governo usa as armas, é uma luta com armas, só que essas armas estão do lado errado, estão nas mãos do que protegem os interesses do patrão, os que tentam esmagar a classe operária.

Eu não deixei velar o corpo de Santo no Sindicato porque o Sindicato está nas mãos de um sujeito que está ali para fazer o jogo dos patrões. Os metalúrgicos precisam fazer uma coisa, que era um grande sonho do meu



Ana e seu filho Santo: "continuo lutando"

marido: tirar Joaquim de lá. Essa foi uma coisa pela qual ele lutou muito. E quero também que ninguém esmoreça, porque nossa luta continua. Eu continuo lutando, até o fim".



SALÁRIO MÍNIMO

Governo volta atrás

Eduardo Suplicy

A decretação do novo nível do salário mínimo no dia seguinte à tragédia ocorrida em São Paulo com o operário Santo Dias da Silva, proporcionando ao mesmo tempo um reajuste semestral e um passo na direção de sua unificação no território nacional, levanta algumas questões para reflexão.

Primeiro, nos fez lembrar uma das mais bonitas canções de Bob Dylan: "Blowing in the Wind". Quantas mortes serão necessárias para que os homens se apercebam das soluções corretas que simplesmente estão sendo sopradas pelo vento?

O reajuste mais freqüente do

salário mínimo bem como sua unificação no território nacional foram duas das principais reivindicações dos trabalhadores pela voz dos dirigentes sindicais, que estiveram em Brasília por ocasião da votação do projeto que modificava a lei de política salarial. O governo, entretanto, conclamou os membros de seu partido a não darem ouvidos àquelas solicitações, que acabaram sendo incluídas no projeto substitutivo da oposição, que foi rejeitado.

O que fora negado na aprovação do projeto oficial, entretanto, é agora parcialmente concedido. O ministro do Trabalho não

quer afirmar que o reajuste semestral será repetido em maio, mas será embaraçoso ter outro procedimento não compatível com suas declarações feitas quarta-feira passada, segundos as quais o salário mínimo poderá ser reajustado sempre que o governo entender que custo de vida esteja penalizando os que ganham esse salário.

O reajuste de 29,31% no salário mínimo para as regiões mais desenvolvidas (São Paulo e Rio) e de até 32,12% para as regiões mais pobres (Estados do Nordeste) fez com que a diferença entre

o maior salário mínimo vigente, agora Cr\$ 2.932,00, e o menor, Cr\$ 2.172,00, se reduzisse para 35%. No ano passado essa diferença era de 40%.

O IBGE ainda deve melhores explicações — e divulgação com maiores detalhes — sobre o Índice Nacional de Preços ao Consumidor que agora serve de base para os reajustes salariais. Necessário se faz que a opinião pública seja informada sobre as variações em cada cidade, inclusive para que os índices possam ser comparados com os elaborados pelos demais institutos como o DIEESE, a Fundação Getúlio Vargas e o Joaquim Nabuco de Recife.

De abril a setembro, por exemplo, a Fundação Getúlio Vargas registrou um aumento no custo de vida de 29,06%. De maio a outubro, estima-se que será de pelo menos 29,64% (caso o aumento de outubro seja apenas de 4%), o que significa que o aumento de 29,31% no salário mínimo de Janeiro mal chegará a acompanhar o aumento no custo de vida.

A unificação progressiva do valor do salário mínimo no País precisa ser acompanhada de medidas que visem a equilibrar mais depressa o progresso das diversas regiões, bem como de medidas que visem a garantir o aumento das oportunidades de emprego especialmente para os que vivem nas zonas rurais e nos Estados mais pobres.

Os que ganham apenas até um salário mínimo no Brasil somavam 14,8 milhões correspondendo a 35,04% da população economicamente ativa de 42,3 milhões, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios feita pelo IBGE, em 1977. A proporção dos que têm rendimento mensal até um salário mínimo era maior entre os que trabalham em atividades agrícolas (43,9%), do que em atividades não agrícolas (31,2%).

Enquanto no Estado de São Paulo, em 1977, 19,02% ganhavam até um salário mínimo, essa proporção chegava a 52,84% no Nordeste. Esses dados precisam ser levados em conta para se ver como são vigentes as medidas que garantam o emprego a níveis de salários maiores do que o mínimo, já que é óbvia a impossibilidade de viver-se condignamente com apenas Cr\$ 2.932,00 por mês em São Paulo, ou Cr\$ 2.172,00 no Piauí.

ESTUDANTES/RJ

Surpresa no Rio. Ganha Mutirão

Ao contrário do que indicavam todas as previsões, a chapa Mutirão (a mesma que perdeu, no Rio, para a UNE e a UEE) venceu as eleições para o Diretório Central dos Estudantes da PUC/RJ, realizadas na semana passada, por uma margem de 600 votos de sua mais forte concorrente, a Unidade.

A Mutirão, que defende em sua plataforma a unidade popular contra a ditadura e o combate à conciliação, venceu em quase todas as urnas e nos três centros que compõem a Universidade (Centro de Tecnologia, Centro de Ciências Humanas e Centro de Ciências Sociais), fato inédito na história recente das disputas eleitorais da PUC. O resultado final, anunciado no final da noite do dia 31, foi de 2.868 votos para a Mutirão, 2.220 para a Unidade, ficando a chapa Novos Rumos considerada pelas demais concorrentes de "direita" com número insignificante.

Segundo os membros da Unidade, a vitória da Mutirão se deveu a sua aliança com a tendência Novação e com o "apoio crítico" que recebeu da Libel. No entanto, o sucesso da chapa encabeçada pelo estudante Juarez Mello Bareto, do curso de História, pode ser atribuído à insatisfação geral em relação à última gestão do DCE, tendo à frente a tendência Unidade.

VÁRIAS

Estivadores

Depois de 13 anos de luta, os estivadores de Santos conseguiram acabar com uma discriminação que dividia a categoria. A revogação pelo Ministério do Trabalho do critério de escalão dos contramestres gerais da estiva de Santos foi comemorada, no dia 28 de outubro, com uma grande festa. Isso significa o fim do privilégio e a morte dos "marajás", como eram conhecidos os contramestres. A partir de agora, os serviços navais voltarão a ser distribuídos pelo sindicato, como era até quando um decreto governamental tirou do sindicato essa atribuição, beneficiando um pequeno número de trabalhadores, que passaram a ser homens de confiança das agências, ou seja, dos patrões.

Cinema

Após uma greve de 16 horas, que começou na manhã do dia 26 de outubro, os operadores de cinema de São Paulo conseguiram um reajuste salarial de 5% e piso salarial de Cr\$ 6.590,00 a partir do dia 1º. O resultado da greve, que provocou o fechamento de 180 cinemas da capital, foi considerado como vitória pelo presidente do Sindicato dos Operadores, Vicente Rodrigues, embora o índice conquistado seja inferior ao que os grevistas estavam reivindicando.

Reintegração

Adélia Borges, diretora do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, será reintegrada no cargo de redatora do jornal O Estado de S. Paulo (ela foi demitida logo após a greve da categoria, em maio), por decisão do juiz Nelson Pereira Lemos, da 21ª Junta de Conciliação e Julgamento de São Paulo. Além da reintegração, o juiz, em sua sentença, decidiu pela extinção da ação que a empresa movia contra a jornalista, onde procurava caracterizar que Adélia teria cometido falta grave ao participar da greve. A decisão do juiz foi tomada com base na Lei da Anistia e, agora a jornalista aguarda a publicação da sentença para retornar ao Estado.

MDB

Atos contra a extinção

O ato reuniu na Cinelândia cerca de mil pessoas

Cerca de mil pessoas participaram, no último dia 31, de um ato público contra a extinção do MDB, na Cinelândia, Rio de Janeiro. As 16.00 horas, através de um alto-falante instalado num Volkswagen alguns manifestantes convocaram a população a permanecer no local e a participar do ato que se iniciaria dali a uma hora. Alguns transeuntes, incentivados pelos discursos inflamados, também pegaram o microfone e ensaiaram algumas palavras de protesto, não só contra a extinção do MDB, mas principalmente contra as "arbitrariedades de uma ditadura que não fez revolução, mas sim deu um golpe contra o povo", como declarou quase entre lágrimas o funcionário público aposentado Jorge de Araújo, de 61 anos.

As 18 horas, ligados os alto-falantes colocados nas escadarias da Câmara Municipal repleta de faixas — "Contra o Chaguismo", e "Contra a extinção do MDB" — iniciou-se oficialmente a manifestação com um discurso do vereador Antônio Carlos de Carvalho que conclamou os manifestantes e os trabalhadores em geral a lutarem contra a extinção do partido que tem sido a voz do povo nestes anos de arbítrio. Discursaram também os deputados Raymundo de Oliveira, Heloneida Studart e José Eudes, o vereador Coimbra de Mello, representantes do Comitê Brasileiro pela Anistia, do Centro Esta-

dual de Professores, e várias entidades estudantis, incluindo a União Estadual dos Estudantes do Rio de Janeiro e a União Nacional dos Estudantes. O secretário geral da UEE-RJ, Francisco Pedra, declarou que a luta contra o projeto de reformulação partidária do governo interessa a todos que lutam para organizar partidos livres e principalmente contra a arbitrariedade de fechar o MDB à revelia da vontade de seus eleitores e militantes. Em São Paulo

Dias antes, um ato semelhante foi realizado no Paço Municipal de São Bernardo do Campo, reunindo pouco mais de 2.000 pessoas. Ao abrir a manifestação, na tarde do dia 26, o presidente do diretório do MDB em São Paulo, Mário Covas, afirmou que o governo quer acabar com os partidos "com o único objetivo de impedir o desenvolvimento da democracia".

Outro orador, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, se pronunciou contra a extinção do MDB mas defendeu a criação do PT, quando foi vaiado por parte do público. Também compareceram à manifestação o presidente nacional do MDB, Ulysses Guimarães, os senadores Franco Montoro, Quercia, Brosard e Teotônio Vilela, o ex-governador Miguel Arraes, e um grande número de deputados federais e estaduais.

ELETRICITÁRIOS/PE

A primeira greve pós 64

10 mil eletricitários parados em Pernambuco

Durante toda a semana passada a Grande Recife enfrentou problemas em seu abastecimento de energia, principalmente no distrito industrial dos Prazeres e no Cabo, em consequência da greve dos eletricitários da Companhia de Eletricidade de Pernambuco — Celpe. Na noite da última quarta-feira, os grevistas ganharam o apoio de 7.000 dos 11.762 eletricitários da Companhia Hidrelétrica de São Francisco (Chesf).

A situação no Recife é tensa porque os eletricitários decidiram que só voltam a negociar quando forem readmitidos os cinco membros da comissão salarial, demitidos no dia 30 pelo presidente da Celpe, o ex-senador Murilo Araújo. Além disso, a repressão policial se intensificou no decorrer da semana e, na quinta-feira, 80 soldados da PM cercaram o prédio da Companhia para impedir a saída dos empregados que entraram pela manhã. Entretanto, mesmo isolados dentro da empresa, esses funcionários não estavam trabalhando.

A greve dos eletricitários da Celpe foi deflagrada após quatro meses de campanha salarial e esse é o primeiro movimento paralista dos últimos 15 anos. Os 2.200 grevistas reivindicam aumento escalonado de 91 a 77% e piso salarial de Cr\$ 6.107,00. A Companhia, que já deu reajuste salarial de 50% (o índice oficial de outubro), após a deflagração da greve, apresentou uma proposta de 67% para a faixa salarial mais baixa. Os eletricitários,

porém, não consideraram a contraproposta, em função da demissão dos membros da comissão de salários.

Já os eletricitários da Chesf, apesar de atendidos em suas reivindicações salariais, entraram em greve reivindicando a estabilidade de um ano para os membros da comissão de salários e outros benefícios como financiamento para casa própria, creche, diminuição no preço da comida e anexação de 6% do total da taxa de lucro da Companhia na folha de pagamento.

Apesar da dimensão do movimento, o presidente do Sindicato dos Eletricitários, José Saturnino, tem se omitido e, por isso, vem sendo duramente criticado pelos grevistas, que já receberam apoio de vários parlamentares.

Na Chesf, a greve paralisou, já no seu segundo dia, os trabalhos de manutenção nas três principais hidrelétricas da região — Paulo Afonso, Moxotó e Sobradinho — que, com sua capacidade nominal instalada, representam 93% do fornecimento para o Nordeste. O presidente da empresa, Arnaldo Barbalho, não disse que medidas ia adotar para garantir o fornecimento mas sabe-se que se ocorrer algum problema na rede de distribuição de Paulo Afonso, o Batalhão de Engenharia do Exército, sediado nas proximidades e colocado em estado de prontidão, poderá reativar o sistema em aproximadamente duas horas. (Marco Albertim, do Recife)

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DA TARDE*
Data: *13/11/79*
Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Periferia terá suas

creches, diz *F. T. André*

o prefeito *12/11/79*

Uma comissão representando centenas de moradores em oito bairros da periferia das Zonas Leste e Sul da cidade, que reteraram o pedido de construção de creches, formulado por ocasião da última audiência no mês de outubro, voltou a ser recebida, ontem, pelo prefeito Reinaldo de Barros, em seu gabinete.

O prefeito, após ouvir a exposição de algumas representantes dos clubes de mães, reafirmou que está desenvolvendo todos os esforços possíveis no sentido de obter novos recursos para executar o programa que prevê a construção de 830 creches em toda a cidade.

Lembrou que "mesmo sem dinheiro já começamos a instalar 26 das creches prometidas no dia 7 de outubro. Mas, só na região de Campo Limpo, eu sei que são necessárias 160 creches, e eu vou construí-las".

Os pedidos de construção de creches entregues ontem se referem aos bairros de conjunto Ipê Piracuana, Santa Ifigênia, Jardim Gouveia, Jardim Virginia, Jardim Oriente, Jardim Catanduva, Jardim Evana, todos na região de Campo Limpo, na Zona Sul, além de São Miguel Paulista, na Zona Leste, num total de 830 assinaturas.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O ESTADÃO

Data: 13/11/79

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Moradores reivindicam mais creches

A promessa de construção de 26 creches na Zona Sul da cidade, a partir de 1980, foi tudo que conseguiram cerca de 50 mulheres, algumas com crianças no colo, que estiveram ontem de manhã no Ibirapuera fazendo uma manifestação pela instalação de mais creches nos bairros carentes da Zona Sul e Leste da cidade.

Nesta manifestação houve de tudo: faixas e cartazes de protesto, letras de música, slogans, além da presença maciça de crianças que repetiam, entre outras frases: "Creches hoje para evitar os marginais de amanhã".

Somente depois de duas horas de o grupo esperar conseguiram ser recebidos pelo secretário de Negócios Extraordinários, Tufi Jubran. Mais tarde, no entanto, uma comissão foi recebida pelo prefeito Reynaldo de Barros.

Inicialmente, as mães foram levadas para o auditório do pavilhão "Manoel de Nobrega", onde, enquanto aguardavam uma definição do prefeito — se as receberia ou não, trocavam informes entre si. Um dos manifestantes chegou a denunciar a Segurança da Prefeitura, afirmando que ela tinha ordem para anotar os nomes das empresas de ônibus que os transportaram até o Ibirapuera.

Outra manifestante tomou os microfones e fez um relato das condições precárias da Zona Leste, "onde praticamente não há creches para atender, pelo menos, a uma parcela da população", concluindo que o prefeito não está voltado para a periferia. "Na verdade — disse — não está voltado para ninguém".

Enquanto surgia a informação de que seriam recebidos pelo secretário dos Negócios Extraordinários, as mães protestavam alegando que queriam o prefeito. Tudo inútil, no entanto, porque o prefeito não desceu. Tufi Jubran anunciou então aos manifestantes que o prefeito pretende construir 26 creches a partir de 1980, com recursos da própria Prefeitura, explicando ainda que ele estava disposto a receber uma comissão de 10 pessoas para informá-las a respeito do plano. Tufi foi vaiado pela multidão.

Mais tarde, uma comissão de dez pessoas foi, efetivamente, recebida pelo prefeito. Ao entregar abaixo-assinados a Reynaldo de Barros, elas ouviram dele o que vem repetindo há quatro meses — que sua prioridade é a periferia e que dentro desta prioridade está a construção de novas creches nos bairros carentes.

Mulher na fábrica

“Nossa vida é brigar”

Por Elisabeth Souza Lobo

Nair Floriano de Camargo há 13 anos operária na indústria farmacêutica, é agora delegada representante no Conselho da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de S. Paulo.

Nair veio de Bauru. Seu primeiro emprego foi num laboratório. Mais tarde fez um curso de manipuladores e deixou de estudar. Tem uma filha de dez anos. “Quando ela nasceu eu estava mais ou menos numa boa”, depois fiquei sozinha e começou a luta de lanches, até que tive que mandar a menina pra casa de minha mãe e só no ano passado ela veio de volta”.

«Na minha firma, a Majer Meyer, diz Nair, tem muito problema. Fiquei 3 meses para me acostumar, fazer amizade com as meninas. Um dia fui no refeitório e vi gente comendo na marmita arroz com ovo. Meu deu dor no coração. Na Majer Meyer ninguém podia tomar lanche. As pessoas ficavam até o meio dia trabalhando sem comer nada. Falei para as meninas trazerem lanche no dia seguinte. Todas trouxeram. O chefe me chamou e disse que era proibido mas a gente insistiu. Agora nos servem um cafezinho. Antes até tínhamos que pagar o avental de trabalho, Cr\$ 220. Quando reclamamos eles começaram a dar os aventais, mas não para todo mundo.

As meninas têm medo do Sindicato

Todo mundo tem medo do sindicato lá na firma. Um dia um cara do escritório me encontrou e me disse que queria me ver fazer uma greve. Ano passado as firmas do setor deram 10% de antecipação. Menos a Majer Meyer. Comecei a falar pra um, pra outro, reunimos um grupinho e resolvemos lutar. Não por 10% porque era besteira, resolvemos brigar por 30%.

Então vim ao sindicato. Tive assembleia salarial e a turma da firma veio. Foi tirada uma comissão de fábrica. Foi quando comecei a participar. No dia da negociação fomos à Delegacia Regional do Trabalho. Ficamos lá sentados. Ai saiu o advogado e disse que a negociação tinha terminado e que os patrões não tinham dado nada. Alguns da comissão reclamaram. A segunda convocação já nem foram chamados. Eu não entendi nada.

Fizemos outra reunião no sindicato. O Waldomiro presidente do Sindicato, disse: Quero ver quem é a mulher macho que para a Majer Meyer. Fiquei furiosa.

As meninas param a produção

Resolvemos, um grupinho, fazer nova assembleia. Juntamos os endereços e chamamos todo mundo pro sindicato. Era quinta-feira e marcamos a assembleia para segunda. Quando foi se-



gunda ao meio dia foi um funcionário do sindicato dizer que a assembleia estava transferida para 3.ª feira. Com isto o pessoal desanimou. Vieram só 60 pessoas. Me disseram que com só isso não dava para fazer movimento. Falei: vai parar com estes 60. Quando viram que estávamos mesmo decididas começaram a tentar nos desanimar. Na minha opinião uma diretoria de sindicato não pode ficar mais de dois anos, porque senão os caras vão ficando patronais. Quando termina o tempo de uma diretoria tem que ter uma chapa diferente.

Vê só, quando decidimos parar, o Waldomiro chamou a comissão e falou que greve é ilegal, que corriamos o risco de fazer fechar o sindicato e de ser enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Disse pra gente fazer uma parada relampago. As mulheres não aceitaram. Resolvemos parar numa 4.ª feira. Na 3.ª feira passamos por toda a fábrica. Amanhã todo mundo enrolando...

De noite não dormi. Na hora que você pensa que a firma vai parar dá um frio muito grande. É muita responsabilidade.

Como se esvazia o movimento

As 6.30 da manhã as mulheres começaram a chegar. Uma segurou o elevador, outra ficou no relógio. Trancaram o elevador. Ninguém entrou. Alguém chamou os diretores. O diretor de produção me perguntou: D. Nair onde é que vai colocar este pessoal que está parado? Respondi: Esta pergunta faço pro senhor.

Mandaram todo mundo pra cinbalagem. E chamaram a comissão para negociar. Junto com o Waldomiro.

Chegamos lá em cima. Puseram 10 cadeiras para a comissão no meio da sala. As outras em frente. Falou o diretor: “Somos uma firma pequena e não temos condições de dar aumento.

A Majer Meyer não tem culpa se o Brasil é subdesenvolvido e a fábrica não pode pagar bem seus funcionários. Propuseram 10 dias para poder negociar e a volta imediata ao trabalho.

Um homem da comissão aceitou a proposta, as mulheres resistiram mas aos poucos foram concordando. Ai pediram para eu avisar as companheiras. Me recusei. Waldomiro foi e disse: A comissão concordou por vocês. O pessoal queria matar todo mundo. Voltou tudo a trabalhar. 10 dias depois ninguém sabia qual era a proposta da firma. Nem o sindicato. Disseram para a gente da comissão ir na Federação das Indústrias. Eu pedi que fosse na própria firma.

A firma ofereceu 7%. Rejeitamos. 8%, 10%, até chegar aos 15%. Conseguimos, mas foi uma decepção. A comissão levou via. Fiquei com uma bronca tremenda e me afastei do sindicato. Da comissão de dez só ficaram 4. Os outros foram postos na rua.

Em maio o Waldomiro foi me convidar pra nova chapa. Tentamos fazer uma outra chapa mas um companheiro importante foi dispensado da firma e a chapa não saiu. Ai eu aceitei ficar nesta pra ver se posso fazer alguma coisa aqui.

Venho aqui todo dia. Já tá criando problema em casa porque não estou pra fazer comida. Minha filha fica muito tempo sozinha, meu companheiro reclama. Vida de mulher é brigar. Briga na fábrica, briga com o marido, briga no sindicato. Acho que nunca tive um tempo de descanso».

Feminismo no Partido?

Recém chegada do exílio, na semana passada, Zuleika, a única mulher no Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, em depoimento exclusivo ao EM TEMPO, conta sua trajetória política e expõe a visão do Partido sobre o feminismo.

Por Miriam Abromovay e Elisabeth Souza-Lobo



Zuleika Alembert, 56 anos, atualmente única mulher membro do Comitê Central do PCB está de volta. Traz na bagagem a determinação de lutar pelos direitos das mulheres no Brasil. Suas posições, fortemente marcadas pelo Eurocomunismo são heterodoxas e audaciosas. Faz a crítica da instrumentalização dos grupos de mulheres do passado, tipo Federação de Mulheres etc, que serviam apenas de correia de transmissão dos partidos; defende a legalização do aborto, propõe um amplo e democrático movimento em que as mulheres de todas as tendências, politizadas ou não; definam suas reivindicações e integrem-se às lutas gerais da sociedade.

Mesmo se Zuleika revela uma certa incompreensão do movimento feminista quando considera que não há um feminismo marxista e reduz o feminismo ao privilegiamento da contradição homem/mulher o que é uma tendência dentro do feminismo (chamada de feminismo radical ou sexista) e que é contestada pelas tendências que relacionam a luta feminista com a luta de classes (tendências que existem no interior de alguns PCs, por exemplo, o PC francês), mesmo assim Zuleika aparece como uma feminista, a despeito de si própria ou, talvez a despeito das idéias do seu partido.

Uma mulher militante

66 Eu sempre digo que chega ao problema da mulher por dois caminhos: ou você começa por uma militância política geral, ou você parte das pequenas coisas e chega à compreensão do problema da mulher.

Comigo o processo foi um pouco inverso. Eu comecei fazendo a "grande política". Neste tempo as coisas eram para mim muito "mescadas" e eu não podia ter clareza de nada. Entrei no Partido Comunista em 1945, na legalidade, já era uma pessoa bastante conhecida na minha cidade, Santos, não por militância política, mas cultural: eu nadava, fazia teatro. Depois da guerra, a juventude foi bastante sensibilizada pelas questões da democracia, a crítica do Estado Novo e assim, fui recrutada pelo partido em 1945, sem grande compreensão do que estava fazendo. Em 1947 fui eleita deputada estadual. Mas data deste período anterior, antes de começar a fazer política, minha primeira manifestação inconsciente sobre o problema da mulher. Em Santos como em muitas outras cidades brasileiras na época existia uma sociedade Teosófica que desenvolvia uma grande atividade cultural e todas as forças progressistas estavam fazendo seu trabalho político. Eu fui atraída por uma notícia de jornal em que um cidadão, Sergio Blanco do grupo positivista da cidade, ia fazer uma conferência sobre a necessidade do retorno das mulheres ao lar, interrompendo a participação crescente que haviam tido desde a guerra, abolindo as conquistas do período: cortar cabelo, andar de calça cumprida, fumar na rua, coisas aparentemente sem importância mas que para a mulher tinham uma significação grande. Eu li isto e fiquei furiosa. Na conferência, em pleno debate virei para o conferencista e me propus a defender as idéias contrárias e eu que não entendia nada do assunto, tomei um livro sobre a vida da Mme. Curie e a partir dele enfrentei o debate de defesa dos direitos da mulher. É claro que também minha vida familiar influíu nesta sensibilização inconsciente para o problema: éramos 3 irmãs mulheres, minha mãe e 3 irmãos homens. E a nossa educação, as desigualdades que sentimos que nos levaram a nós, 3 mulheres, a opções de vida totalmente diferentes da nossa mãe. Não que estivéssemos entendendo que aquela família era igual a todas as outras, mas

pensávamos que a nossa era assim e porque nós não a aceitávamos fomos ser uma enfermeira, outra professora, e eu fui fazer política. Evidentemente devo ter encontrado, na minha vida militante, na vida pública, no parlamento, no partido, obstáculos à minha atividade, mas eu não tinha a menor consciência por que aquilo ocorria. Minha idéia era de que se eu, com 23 anos, havia conseguido ser deputada, eu que vinha de uma família que me reprimia que tentava me impedir de fazer aquilo que eu queria e que no entanto tinha conseguido organizar a minha vida, militar e cuidar da minha casa, então todas as outras mulheres poderiam fazer a mesma coisa e não faziam porque não queriam. Esta trajetória foi se dando e eu sempre completamente cega às razões das dificuldades que eu encontrava na minha vida pública. Evidentemente que eu era uma exceção, posso compreender isto. Naquela época faziam política, a Ivete Vargas, eu, e a Conceição Santamaria. Uma mulher que ousava fazer o que eu ousava, era objeto de crítica, pouco passava de prostituta. Na militância partidária tive muitas dificuldades, de falar, por exemplo, sem ser escutada, porque os homens falavam melhor, impostavam a voz. Mas eu continuava me colocando em competição com os homens e acreditando que se eu lavava e passava roupa limpava a casa, fazia a dupla jornada de trabalho, que na época eu não sabia o que era, e exercia minhas atividades, todas as mulheres poderiam fazer o mesmo. E eu fui me impondo, porque eu executava um trabalho igual ou maior do que os homens.

Quando as coisas começam?

E assim houve uma época em que eu usava sapato de homem porque me sentia mais forte. Usava costumes marrons, que me faziam parecer um macaco, uma bolsa de condutor de ônibus, todo um estilo de homem, o que era uma coisa natural e inconsciente.

Só quando nós comunistas fomos expulsos do país e tivemos que procurar o exílio no Chile, e que pela primeira vez eu senti a necessidade de organizar mulheres. Nesta altura senti que alguma coisa estava errada na minha maneira de enfrentar o problema. E começamos a ler a estudar, a conhecer a experiência dos outros.

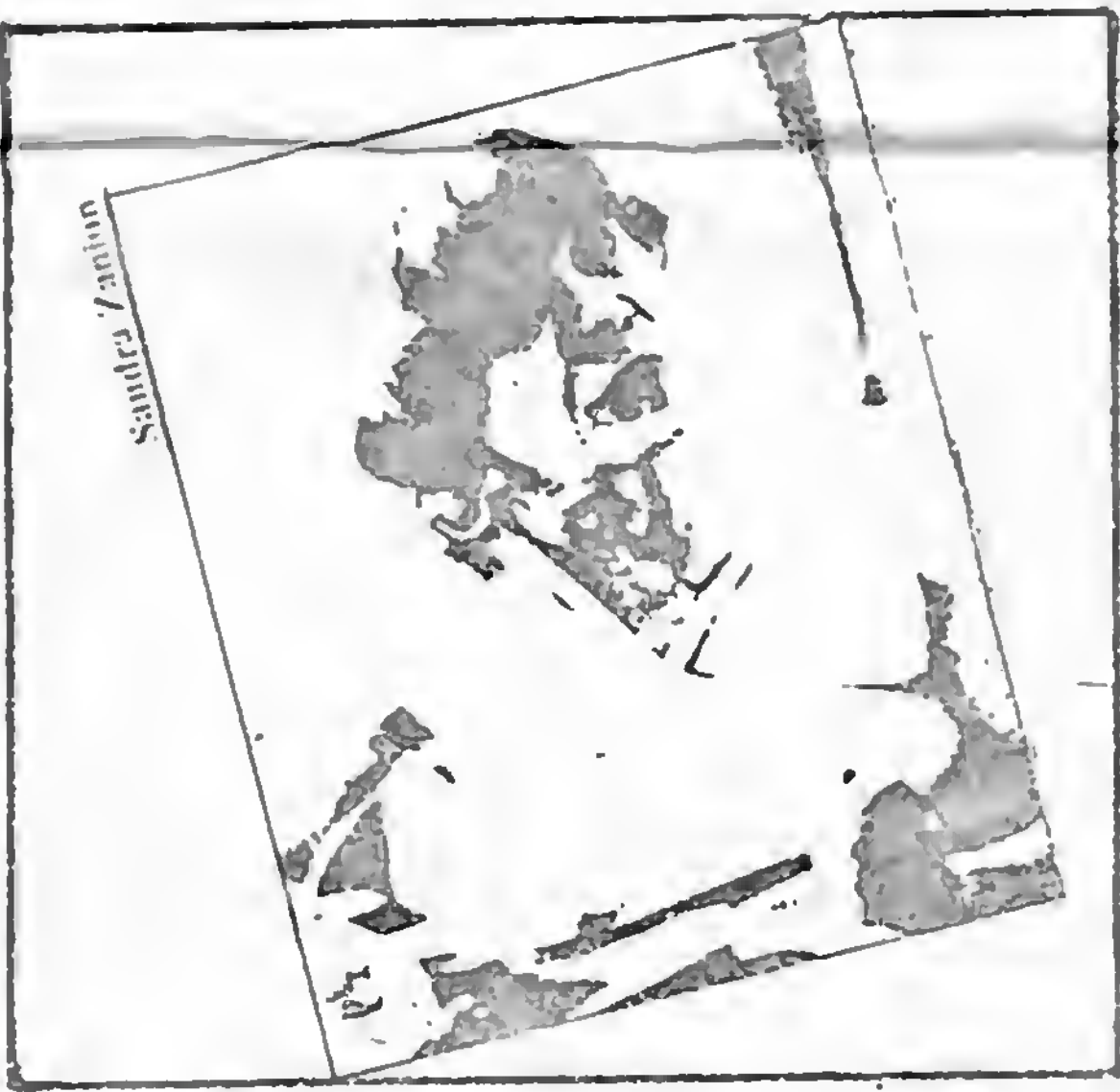
Revendo os velhos documentos do partido eu encontrava menção às mulheres; achava-se importante mobilizar as mulheres, mas só no 6º Congresso é que eu consegui enfiar um parágrafo que fala nos direitos da mulher.

O PC pensou na mulher usada como força política, estimulou as federações femininas, as uniões de mulheres que tiveram sua validade na época. Mas algo estava pela metade. Ai as mulheres vão tomando consciência de que não querem ser mais instrumento.

A contribuição do movimento feminista

Se nem tudo o que fizeram os partidos comunistas estava errado, também devemos valorizar a contribuição das feministas. O feminismo traz uma parte da verdade, embora não concordemos com sua orientação para a solução do problema na medida em que vê a transformação da mulher como fim em si desligada do contexto em que ela vive.

Na nossa resolução recente sobre a questão da mulher procuramos esta síntese, inspirada no modelo do Partido Comunista Italiano que foi o primeiro a fazer isto, absorvendo criticamente aquilo que o feminismo desenvolveu de positivo.



Aquí no Brasil o termo feminista é pouco usado e discriminado. Não é por brigar por um nome, mas temos que por os pingos nos ii. Porque o feminismo tem um conteúdo científico e ideológico. É o nosso método de análise que nos diferencia das feministas: pra nós o primário é material, mas isto não nos leva a reduzir a opressão da mulher ao econômico ela vai mais longe, começa antes e sobrevive mesmo quando a propriedade privada é abolida, como nos países socialistas.

Estas posições levam a alguns equívocos, por exemplo, se você faz uma reunião de mulheres, eu estou de acordo que, às vezes, é preciso que seja só de mulheres porque elas estão aprendendo, discutindo, são ainda tímidas e se os homens estiverem presentes elas serão inibidas. Mas se você faz um ato público para discutir um filme, porque o homem não pode entrar? Nós queremos que eles evoluam também. Agora na passeata de Paris eu vi 20.000 mulheres na rua pela lei do aborto e não um ou dois homens, mas centenas de homens.

Também sobre o aborto nós temos diferenças com as feministas. Na Itália elas reivindicavam aborto livre em qualquer momento e nós acreditamos que o aborto deve ser regulado pelas leis científicas, que o tornam perigoso depois de um limite de tempo. Este extremismo, este radicalismo cego é que dificulta, às vezes, o trabalho do movimento feminista, embora suas palavras de ordem sejam justas e corretas; e devem ser assimiladas por nós. Mas podemos fazer pontos comuns.

Hoje eu tenho os elementos para compreender as discriminações que sofri, no casamento, na vida partidária, no parlamento, na família porque eu era mulher e porque existe um consenso na sociedade de que somos inferiores.

A opressão da mulher é anterior à sociedade de classes mas esta codificou esta opressão. A destruição da sociedade de classes, e o socialismo, criam as premissas para a liberação da mulher. Mas não é tudo.

O machismo na União Soviética

Na URSS, 90% de mulheres trabalham, mas a opressão cultural sobrevive. Por isto se diz que esta é a revolução mais longa da história. Nos países socialistas a mulher tem direito de estudar física, ela vai ser física, mas se ela for casada com um físico, ele vai ser mestre ou doutor muito antes do que ele, porque ele chega em casa e vai estudar e ela vai cuidar do menino que saiu da creche, vai fazer a comida. Não há uma divisão correta do trabalho no interior da família.

Como vincular a luta das mulheres às lutas gerais?

É evidente que a mulher mais oprimida é a mulher trabalhadora e, do nosso ponto de vista, nós vamos dedicar a ela nosso esforço principal: o que ela sente é o estômago, o trabalho, a escola para os filhos, o calçamento da rua, mas o que devemos introduzir é que esta mulher é também oprimida dentro do trabalho por ser mulher. Então uma das funções nossas, do movimento feminino é fazer com que dentro dos sindicatos, dentro das empresas surja um movimento de mulheres em que elas participem das lutas gerais, mas com suas reivindicações: a luta por creches, a denúncia dos abusos do patrão, a necessidade de melhores condições de trabalho no período da gravidez, são coisas que os homens não vão se lembrar, são problemas das mulheres.

As mulheres das camadas médias também contam

Também não podemos deixar para as camadas reivindicar as mulheres que já tendo resolvido seus problemas de estômago, que têm reivindicações que são de todas as mulheres e por isso devemos apoiar: planejamento familiar, legislação igualitária, outra imagem na imprensa. Não podemos dizer que como o povo é estômago deixamos as questões culturais. Se damos prioridade aos problemas do trabalho para a mulher, não abandonamos a luta por uma modificação do relacionamento homem-mulher.

O PC e o feminismo

O errado nas feministas é que elas partem da idéia de que a opressão da mulher vem do homem.

Na verdade, é mais fácil conseguir a liberação econômica, a liberação cultural, a liberação política. Mas chega um momento em que você pára. E quando você chega ao problema afetivo da mulher, aí a porca torce o rabo: a mulher mais livre, é no fundo uma subordinada afetiva. No fundo você acaba lendo o livro que o homem com quem você vive gosta, vendo o filme que ele gosta, seus amigos são os amigos do seu homem. E se seu homem vai embora você se sente mutilada.

Há duas místicas que devemos acabar: uma é a da maternidade, outra é a do casamento. As mulheres devem ter o direito de escolher: ter filho ou não ter filho. A mãe santa, a Maria de Jesus não existe mais. As mulheres devem poder escolher viver ou não com um homem sem serem parcialmente obrigadas ao casamento.

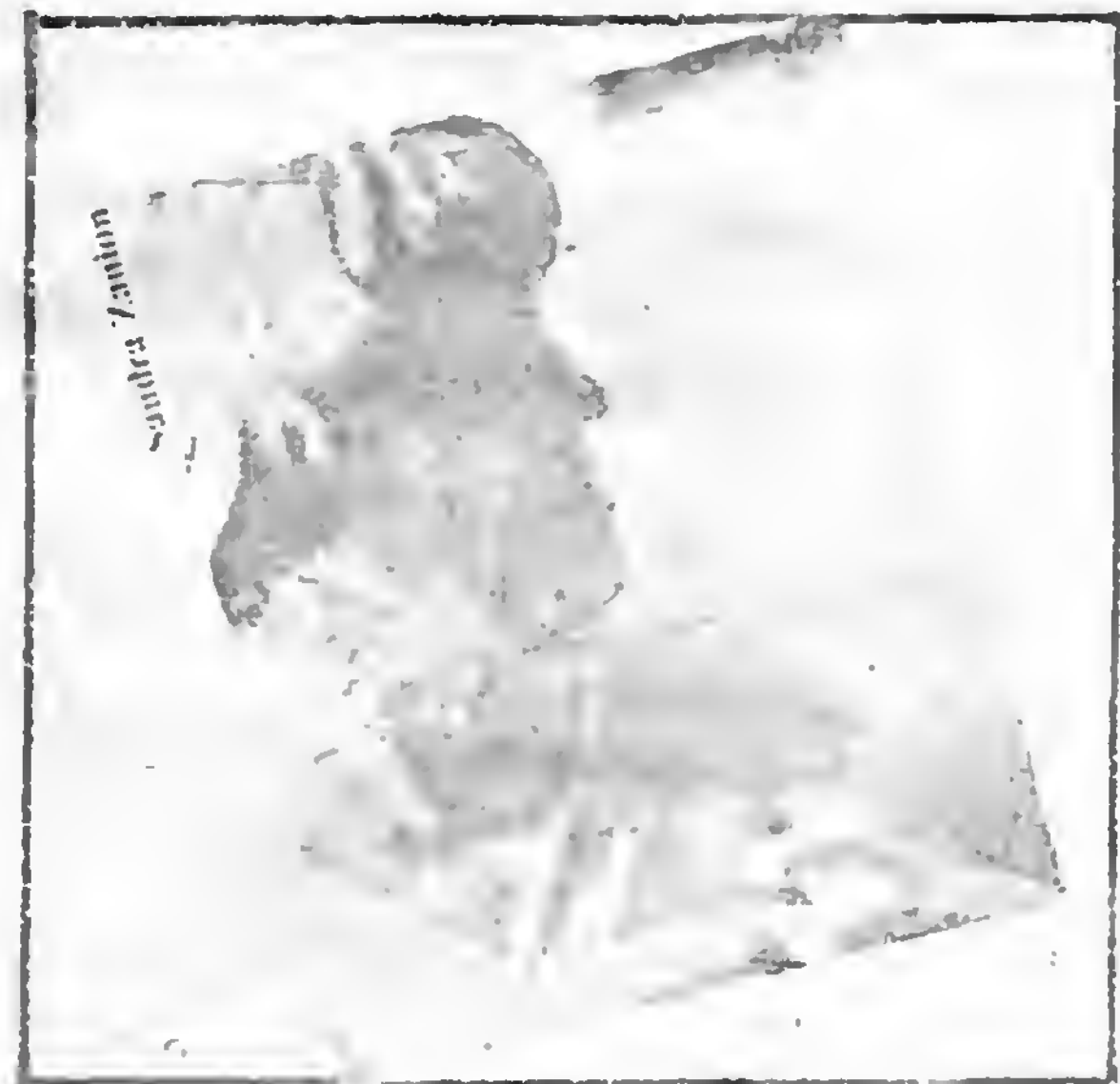
Assumo minha idade, ando de motocicleta, toco violão porque sou uma mulher jovem, não estou morta. Com 56 anos, sou jovem, quero viver só, eu e meu gato. Decido do meu destino, faço o que me dá prazer. Foi difícil e só eu sei o quanto foi. Mas hoje eu chego com uma força nova. E compreendi que ser uma mulher autônoma não pode ser uma conquista individual, mas que todas as mulheres devem chegar a isto.

O machismo no PC

Os comunistas são parte da sociedade e não são diferentes. Eles têm que ser vanguarda mas nem sempre o são. A mim me é permitido muito, porque eu já não sou considerada mulher. Mas as mulheres dos militantes que continuam a ser mulheres, você não pode mexer porque bagunça o coreto deles: o chinelo não está no lugar e a batata frita não está na mesa. E não pense que estas mulheres não têm o que dizer. Os homens estão acostumados a crescer à custa do esmagamento da mulher. Por isso as mulheres são sempre massa, porque elas não tem a chance delas.

E a autonomia?

Há espaço para as católicas, para as feministas, para as comunistas. As mulheres é que devem debater democraticamente suas idéias e decidir no seu conjunto. Nós no PC, levamos de fora para dentro, as nossas propostas sobre as mulheres e por isto há uma certa defasagem entre o documento sobre a mulher, recentemente aprovado pelo CC e o que alguns membros do partido pensam. Mas o Comitê Central aprovou o que nós propusemos. 99



FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*Data *15/11/79*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Abrigo de crianças quer comprar sede

O Lar Nossa Senhora da Consolação, que abriga 200 crianças em dez casas alugadas da rua Gravataí, conseguiu arrecadar perto de Cr\$ 2 milhões, desde que iniciou, há seis meses, uma campanha para obter Cr\$ 10 milhões, destinados à compra dos imóveis onde está instalado. Naquela época, a instituição estava ameaçada de despejo, pois uma construtora demonstrou interesse em comprar as dez casas.

PRIORIDADE

A responsável pelo Lar Nossa Senhora da Consolação obteve da proprietária a garantia de que teria prioridade no negócio. Iniciou, então, a campanha para conseguir os Cr\$ 10 milhões — valor oferecido pela construtora — e apelou a amigos e conhecidos, chegando mesmo a escrever a Roberto Carlos e ao apresentador de TV que, segundo ela, nada responderam até agora.

QUER FICAR

Embora posteriormente a construtora tenha desistido da compra, irmã Irene ainda está disposta a realizar o negócio, "pois assim nossas crianças não correrão mais o risco de terem de se mudar". A religiosa prefere ficar na rua Gravataí, já que a ordem a que pertence — Congregação das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo — mantém colégios nas imediações, onde as crianças podem estudar, e também na região há hospitais, inclusive a Santa Casa.

Irmã Irene disse que a campanha vai continuar e até o fim do ano ela espera totalizar Cr\$ 2,5 milhões, com os chás, bazares e desfiles de modas que as pessoas que colaboram com a instituição estão realizando.



GREVE
DOS METALÚRGICOS
PAULISTAS

O manto protetor das igrejas

As igrejas — grandes e pequenas —, abriram suas portas. Os religiosos — padres, freiras e bispos — deram suas mãos e cederam seus púlpitos e acomodações. As comunidades eclesiais de base buscaram na periferia pão e assistência aos grevistas. E assim os metalúrgicos paulistas puderam resistir muito tempo diante da fúria da polícia. Fotos: Ennio Brauns Filho.



IGREJA DE S. AMARO

As oito horas da manhã da terça-feira da semana passada, a PM invadiu a Capela do Socorro. Meia hora depois, os operários já tinham à sua disposição a igreja matriz de Santo Amaro, cedida pelo vigário da igreja, seguindo a orientação geral de toda a arquidiocese. No púlpito da igreja, na foto de cima falando para cerca de 500 operários, o deputado Aurélio Peres, metalúrgico, ele também um antigo dirigente da JAC — Juventude Agrária Católica — e hoje ligado às comunidades eclesiais da base da região sul da cidade. Aurélio é ovacionado a cada sentença que pronuncia. Seu "sermão" é duro e incisivo: "A classe patronal é fraca sem a polícia, os companheiros. Os operários têm de prosseguir na sua luta até acabar com esse regime, que mata o trabalhador de fome, que mata o trabalhador a bala". Do mesmo púlpito, a seguir, fala a deputada estadual Irma Passoni (ao lado) uma ex-freira, professora e grande organizadora dos trabalhos de periferia da cidade. No mesmo local, no dia anterior, fora servida sopa para 1.200 pessoas — geralmente piqueteiros — feita por donas-de-casa das comunidades.





NA PENHA, O BISPO OPERÁRIO

Paulo Evaristo Arns chamou D. Angélico Bernardino Sândalo, coordenador da Pastoral do Mundo do Trabalho de «o bispo operário». De fato, D. Angélico é filho de um metalúrgico do interior de São Paulo e se comove com o sofrimento do povo simples da periferia, na região Leste, da Penha, onde trabalha. Com a morte de Santo, foi tomado «por um profundo sentimento de indignação». Diz ele: «Até onde pode chegar o poder econômico, apoiado pelo poder político que joga a repressão em cima do povo? No Instituto Médico Legal, vi Santo varado pela bala. Senti grande emoção».

Para D. Angélico, Figueiredo não pode estender a mão para a Igreja se não a estende para o movimento operário. «Um governo só estende, de fato, a mão para a Igreja quando cuida da libertação efetiva de seu povo. Não há ponto de encontro que não seja o da libertação do povo, na prática. A Igreja é o povo de Deus. Quando o governo pisa em cima do povo, está em conflito com a Igreja. O compromisso da Igreja não é com o governo, é com o povo, em função do qual os governos existem também».

Para ele, a greve dos metalúrgicos de São Paulo foi uma grande vitória. «Ela demonstrou claramente que, depois de tantos anos de repressão, o povo renasce».

Ele diz também, que são absurdas as acusações de que a Igreja está intervindo indevidamente na greve e no movimento operário. «Fizemos a missa do Santo porque ele era de uma família cristã praticante. Ele era militante da Pastoral Operária. Nada mais justo do que fazer essa vontade da família. E foi na catedral, que é a principal igreja da cidade, porque de fato envolveu profundamente a cidade de São Paulo. Significa também que a Igreja se solidariza cada vez mais com aqueles que lutam pela causa da justiça. Além do mais, nossa missão é apoiar a caminhada do movimento operário». D. Angélico conclui: «Devo dizer que a essência do meu pensamento está em um trecho daquela missa do 7º dia em memória de Santo, que eu preparei com outros militantes da Pastoral Operária: «No campo político, um único poder: o legítimo: o poder do povo». Ele tem perdido as esperanças no governo. «São deslavadas demais as mentiras com que os fatos estão sendo encobertos. Basta ver as explicações do governo para a invasão da capela do Socorro!».



D. NOVAK, IGREJA DA LAPA

O comandante da PM parou suas cinco viaturas cheias de policiais armados diante da Igreja de Nossa Senhora da Lapa, onde funcionava o principal comando grevista da região e disse ao bispo, D. Alfredo Novak, que cuidasse de suas ovelhas, que ele cuidaria das ruas. D. Alfredo, 49 anos, americano de Chicago que chegou ao Brasil em 1958 e já viveu 10 anos no meio dos caboclos da região do médio Amazonas, argumentou com o capitão que considerava a greve dos metalúrgicos justa, "pela lei do bom senso e pela lei de Deus". D. Alfredo estava cercado por metalúrgicos que vinham se reunindo em sua igreja desde que a polícia fechou a sede regional dos sindicatos. A região da Lapa, em São Paulo, tem uma população estimada em 1,1 milhão de habitantes, 600 mil operários, cerca de 50 mil metalúrgicos. Na área estão empresas como a fundição Sofunge, a General Elétric, a Siemens, a Motorádio, a Sharp, a Deca. D. Alfredo chegou a estar na frente de piquete grevista, para protegê-los de repressão mais violenta. É um dos exemplos de disposição de ajudar os operários que marcou a Igreja paulista.



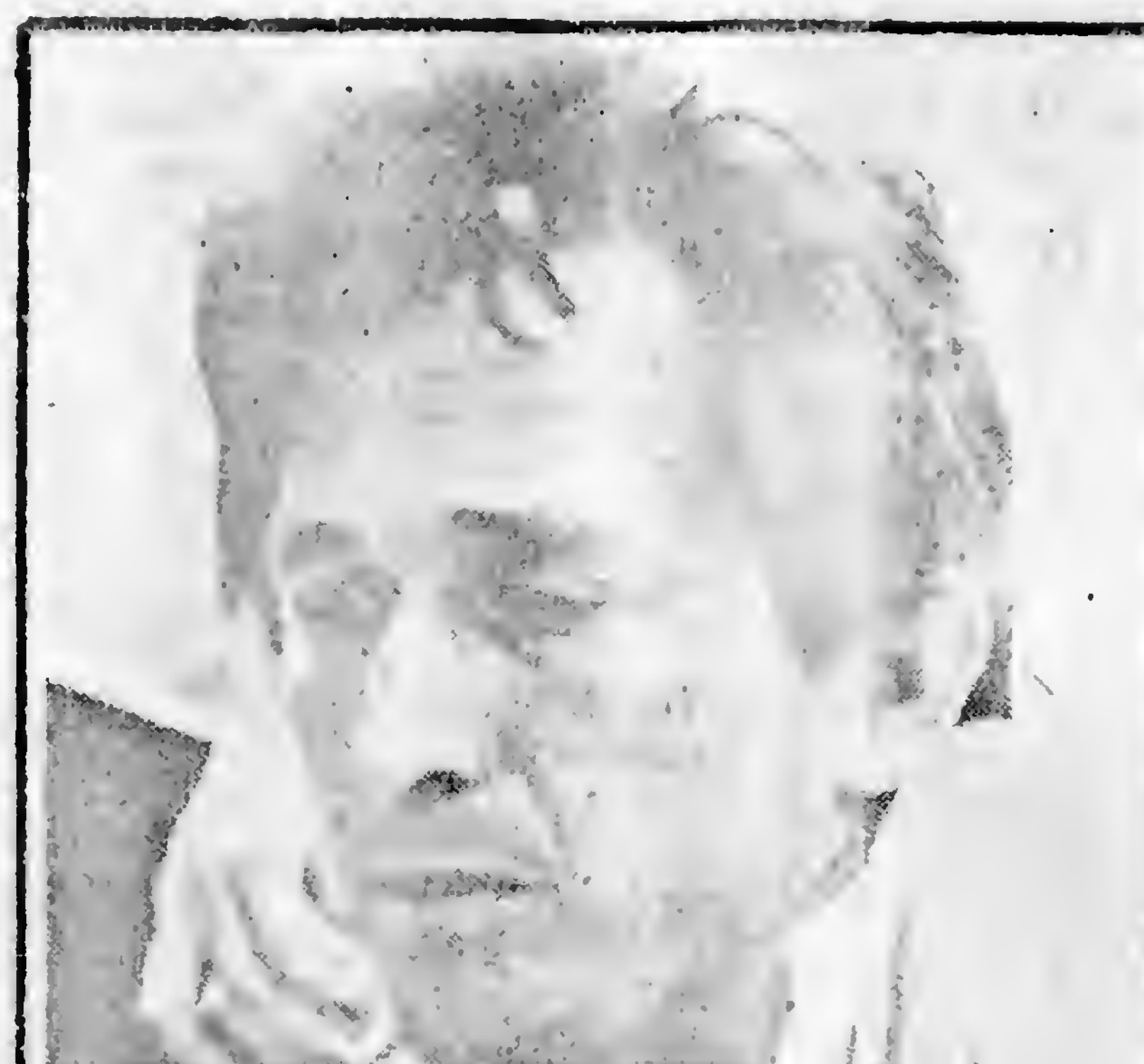
IGREJA DE V. LIVIERO

O Padre Celso Paulo Torres, da Igreja de Vila Liviero, de população 90% operária, quase presenciou outro massacre de operários, como o que ocorreu no Socorro (veja ao lado). Um dia depois daquela invasão, na 4ª pela manhã, mal uns 20 operários tinham deixado o salão paroquial de sua igreja, um bando de 15 policiais, em uniforme de combate, com máscaras e bombas na mão, invadiu o salão, farejou pelos cantos e banheiros, tentou forçar a porta da igreja e só depois o procurou, assim mesmo sem se identificar. Um pequeno industrial das vizinhanças parece ter denunciado as reuniões dos operários. No dia anterior, um piquetão de 3 mil parara a Arno, que vinha tentando manter produção elevada para o Natal.



IGREJA DE V. DUTRA

Padre Pedro Curran, da foto, é vigário da Cidade Dutra, uma das ativas igrejas da periferia onde os operários encontram apoio e facilidades materiais para se organizarem na greve e em outras lutas como o movimento dos loteamentos clandestinos, o movimento contra a alta do custo de vida, pelos direitos humanos e outros. Curran é americano de Boston e esteve no centro desses dias críticos da Igreja paulista. Ele, o metalúrgico e deputado Aurélio Peres e a companheira de Aurélio, Conceição, foram os três que primeiro garantiram que o corpo de Santo não fosse desaparecido pela polícia. O PS para onde o corpo de Santo foi levado ameaçou trancar os três no necrotério, mas eles não desistiram de ficar a seu lado, após tê-lo descoberto por conta própria, à revelia das autoridades.



IGREJA S. JOSÉ

No salão paroquial da igreja, com mais de 100 cadeiras e seis mesas enormes, piqueteiros cansados almoçam e descansam. A Igreja de São José, no bairro do Ipiranga, em São Paulo, região sudeste da cidade, foi a sede do comando grevista que, na segunda-feira paralizou as grandes fábricas como a Villares, Piratininga, Fundição Brasil e outras. Waldemar Rossi, na foto, diante da Igreja, militante cristão e operário desde 1955, que já foi presidente da Juventude Operária Católica e candidato pela oposição metalúrgica à presidência do sindicato de São Paulo, comenta: "É um grande passo adiante que a Igreja dá nessa greve. É um avanço na consciência política do conjunto da Igreja, não só de religiosos, como também dos leigos que dão sustentação a esse movimento".

IRMÃ IRENE AINDA LUTA CONTRA DESPEJO

Fl. 7a de 19/11/79

Ajudem a Irmã Irene a comprar estas casinhas". Estes são os dizeres das placas colocadas em oito casas da rua Gravatai (ao lado da praça Roosevelt), onde a Irmã Irene Alves Lopes, de 78 anos, instalou o Lar Nossa Senhora da Consolação, responsável pela sobrevivência de 200 crianças orfãs ou de famílias humildes.

Há onze anos no local, o Lar quase foi despejado no fim do ano passado, quando uma construtora ofereceu 10 milhões de cruzeiros ao dono das casas. O proprietário, entretanto, deu a prioridade da compra a Irmã Irene, que de janeiro até agora conseguiu arrecadar somente um milhão de cruzeiros.

"Faltam ainda nove milhões - explicou a Irmã - sábado passado - mas continuo fazendo campanha para levantar essa soma". As contribuições chegam de todos os lados, aos poucos, e o dinheiro vai sendo guardado numa caderneta de poupança.

POVO AJUDA

"As doações chegam aos poucos, pelo correio ou pessoalmente; muita gente já veio até aqui para me entregar dez cruzeiros" confirmou a irmã, dizendo que há outros tipos de colaboração. Como, por exemplo, um "show" promovido por funcionários de uma firma de São Paulo, que rendeu 41 mil cruzeiros, e a promoção de um chã no Terraço Itália, que reverteu 30 mil cruzeiros para o Lar.

Mesmo assim, ela afirmou que tratar de 200 crianças e levantar esse dinheiro somente através de contribuições e uma tarefa muito árdua. Comentando em quase todas suas frases que "o povo de São Paulo sempre foi muito bom para a gente", a freira está com a ideia de promover rifas, bingos e shows.

Ela quer ficar de qualquer jeito na rua Gravatai pois considera o local muito bom para alimentar e colocar em escolas todas as crianças. "Se fôssemos para a periferia tudo se complicaria", diz ela.

ARTISTAS NÃO RESPONDEM

Parece, entretanto, que nem todos estão dispostos

a ajudar o Lar Nossa Senhora da Consolação, nem mesmo, conforme lembrou a Irmã Irene, neste Ano Internacional da Criança. Preocupada com a soma que ainda falta, a freira lembrou de duas pessoas famosas que poderiam ajudá-la: o cantor Roberto Carlos e o apresentador Flávio Cavalcanti. Em fevereiro, mandou cartas aos dois, explicando a situação e pedindo ajuda, mas não recebeu resposta até agora.

"Tinha muita vontade de falar com eles, mas acho que é muito difícil" comenta a Irmã, que ainda não parou de sonhar, mesmo com seus 78 anos, 57 dos quais dedicados a cuidar de crianças pobres ou abandonadas.



A freira pede a ajuda de artistas

BA ZAR REÚNE 500 PESSOAS

NO LAR "CRIANÇA FELIZ"



A promoção visou trazer a comunidade para o convívio das crianças da entidade

O bazar beneficente realizado no Lar "Criança Feliz", em Taboão da Serra, com muito churrasco, brincadelras e sorteios, reuniu cerca de 500 pessoas no último sábado. Embora uma verba considerável tenha sido arrecadada com as diversas promoções, esse não foi o objetivo principal da festa, segundo o presidente da instituição de amparo à crianças órfãs, mantida pela maçonaria. "Nossa maior meta foi trazer a comunidade para o convívio das crianças", disse Antonio Cavalcanti.

O Lar "Criança Feliz", com 1.800 metros de área construída, além de 2.200 utilizados para a chácara, horta e área de lazer, acolhe garotos de quatro a 16 anos, órfãos ou filhos de mães solteiras e presidiários. Hoje, 62 meninos vivem no Lar, embora o objetivo seja amparar 100 crianças até o final do ano.

Lá, as crianças fazem o primeiro e o segundo ano do curso de 1.º grau. O restante, até o término do 2.º grau, as crianças cursam na Escola Municipal do bairro, e alguns fazem cursos profissio-

nalizantes no Senai. "Os meninos só saem daqui quando aptos a trabalharem e se integrarem na sociedade", informou Cavalcanti, acrescentando que isso acontece dos 16 aos 18 anos.

"Eles já saem daqui com emprego garantido", explicou Antônio Cavalcanti. Conforme revelou 13 rapazes já saíram do Lar e estão perfeitamente integrados à comunidade. "Esses foram os primeiros. Ainda no mês passado fomos ao casamento de um dos rapazes criados aqui. Esse rapaz, no início do ano, prestou vestibular na Unicamp, tendo sido classificado em quinto lugar".

A filosofia da entidade é deixar a criança livre, e não isolá-la. "Essa festa, por exemplo, teve como objetivo principal trazer as pessoas até o Lar e colocá-las em contato com as crianças. Elas precisam de calor humano. Arrecadar fundos é secundário, pois as grandes lojas maçônicas mantêm o Lar perfeitamente bem. O importante é fazer com que as crianças fiquem à vontade e brinquem com as pessoas de sua idade", afirmou Antônio Cavalcanti.

Por Creche até 6 anos

O movimento pela creche ganhou novas proporções, novas forças, após o encaminhamento da proposta dos funcionários do DESPA. O desenvolvimento de um intenso e extenso trabalho sobre a questão fundamental que é a necessidade dos funcionários na implantação de creche até os 6 anos, está sendo corroborado no aspecto do desenvolvimento social, psicológico, pediátrico e pedagógico da criança.

Os funcionários do DESPA fundamentam sua proposta discutindo, pesquisando, para que seja a solução adequadamente satisfeita em todas as suas dimensões. A ampla discussão sobre o assunto objetiva não esbarrar numa contradição, que fatalmente se daria, se o resultado fosse fruto de um trabalho limitado a técnicos e, portanto, em frontal oposição à expressão do coletivo.

A proposta de creche dos funcionários do DESPA chegou à Diretoria do Banco. A resposta de que objetivamente a implantação se dará em janeiro de 1980 fez com que mais forças se aglutinassem, com o propósito de não deixar que tudo fosse apenas uma promessa.

Em janeiro de 80 teremos a nossa creche! E, sem dúvida, essa promessa será cobrada nesse prazo pelos funcionários. Porém, a simples divulgação dessa implantação não deve ser — e certamente não é — o motivo para ficarmos, passivamente, na expectativa. Mesmo porque duas questões estão presentes: a primeira, os boatos tentadores da desmobilização; a segunda, é que ainda existe parte de proposta dos funcionários ainda não satisfatoriamente respondida.

Já estamos escaldados de boatos!

Quanto à primeira questão, já estamos escaldados de boatos! Mais uma vez, o boato realiza sua função social: alimenta ilusões, portanto sem bases concretas. Mas os boatos, neste caso em particular, não se confundem com as promessas porque, enquanto eles não têm agente próprio, sendo comuns as expressões: "comenta-se em Brasília...", "fala-se por aí...", etc., das quais aliás já estamos fartos, as promessas têm uma base cobrável no sentido de ter um agente específico: a Chefia do Departamento. A notícia que corre agora é que Brasília pensa que a creche deve atender até 1 ano; há opiniões de que a creche deve atender até 2 ou 3 anos. Nada disso satisfaz. A necessidade dos funcionários é clara: CRECHE ATÉ OS 6 ANOS! E sem dúvida a indefinição do Banco sobre o limite de idade visa deixar a ilusão de "quem sabe 3 anos todos concordem". Ou, ainda, "quem sabe divide as opiniões". E isso está claro, tenta-se enfraquecer o movimento pela creche até os 6 anos.

No entanto, a prática mostrou que a boataria já não encontra a resposta

desejada. E diante de tudo isso, os funcionários estão mais firmes ainda no propósito de verem atendida a sua proposta: creche até os 6 anos. Estão desenvolvendo uma pesquisa e fundamentos não faltam. Essa pesquisa visa aglutiná-los em um único documento. O eixo central é a necessidade dos funcionários. Os demais aspectos: desenvolvimento psicológico, pedagógico, social da criança vem mais é confrontar o a certo da proposta dos funcionários. A importância da creche não se encerra por aí. É uma necessidade que vem sendo cada vez mais claramente demonstrada através de movimentos por creche a nível estadual. E também esses pontos o documento em elaboração pelo movimento de creche deverá abordar.

O projeto desse trabalho é extenso e laborioso. Exige de todos um profundo interesse em pesquisar o assunto. Por isso foi organizado em partes, tendo como aspecto central a idade da criança e as necessidades dela decorrentes. Tudo isso vem corroborar que a solução dada ao nosso problema deve se satisfazer em todas essas dimensões.

A solução de um problema dos funcionários só pode ser dada por eles mesmos

Tão logo o assunto creche adquiriu as proporções de um movimento dos funcionários, seguido que foi pela elaboração de sua proposta, mais uma vez vem o boato de que o Banco "já estava estudando o problema". Não vamos aqui adivinhar o início dos estudos do Banco; mas perceber, ao nível dos fatos, a relação direta do movimento dos funcionários e a resposta emitida pelo Banco. Além do que, acreditamos que a solução de um problema dos funcionários só pode ser dada por eles mesmos. A própria informação de que Brasília pensa em creche até 1 ano claramente demonstra que se deixarmos o problema nas mãos de "técnicos", que consideram o assunto simplesmente um item administrativo que deve ser resol-

Posição dos funcionários frente à resposta do Banco

A comissão dos funcionários tirada nas Reuniões Abertas para encaminhar a proposta de creche ao Banco obteve, em 08.10, a seguinte resposta da Chefia do Departamento:

1 — Em Brasília, foi realizada uma reunião entre a Diretoria do Banco e as chefias de diversos Departamentos, onde a proposta dos funcionários do DESPA foi apresentada.

2 — O Banco compromete-se a implantar o benefício creche aos funcionários DESPA em janeiro/80 para sua implantação.

3 — Fica estipulado o mês de Janeiro/80 para a implantação.

4 — Deverá ser, inicialmente, implantado o sistema de livre escolha.

5 — O Banco vai adotar a subvenção integral até um certo valor, ainda não definido.

6 — Em princípio, o Banco está disposto a atender crianças de até 1 ano de idade. Há opiniões para que se estenda até 2 ou 3 anos.

Em Reunião Aberta realizada em 11.10, às 11 horas, no mezzanino do prédio da Paulista, os funcionários do DESPA avaliaram as informações acima. Os itens 2, 3 e 4, desde que cumpridos, vêm ao encontro da proposta dos funcionários e, portanto, satisfazem seus anseios. Quanto ao item 5 espera-se que o valor da subvenção a ser paga seja da ordem do previsto na proposta dos funcionários. Contudo, somente após determinado poderá ser objeto de um posicionamento.

Com relação ao item 6, por ser de consenso geral que só serão efetivamente atendidas as necessidades dos funcionários se se estender o limite até os 6 anos, constituiu-se uma comissão de trabalho incumbida de elaborar um documento a ser encaminhado ao Banco, que analisará, dentro da dimensão social do problema, a questão da idade.

vido, correremos o risco de nos igualarmos ao Banco do Brasil, cuja situação é mostrada num recente artigo publicado na Revista DESED (nº 67, de Jul/Ag/Set/79), sob o título "Creche: um assunto em pauta". Referida publicação apresenta um estudo para implantação de um programa de assistência materno-infantil aos funcionários, realizado por um grupo de trabalho que, por ser alheio ao conjunto de funcionários, foi incapaz de propor soluções satisfatórias. Aliás esse estudo hoje se encontra engavetado em virtude da atual administração daquele Banco não querer se preocupar no momento com o assunto, o que tem levado por outro lado os funcionários a se movimentarem em busca de seus direitos.

Quanto ao resultado do trabalho depreende-se de imediato que, embora fosse consenso dos interessados que a assistência devesse se estender além do 6º mês, não houve a preocupação de saber deles até que idade seria necessário manter o auxílio.

Ao contrário, num jogo de palavras onde se tenta voltar à inoperosidade da lei e assim negar uma realidade concreta, chegaram ao absurdo de dizer que "é sabidamente reconhecida a cobertura prestada, através de inúmeros projetos governamentais, à formação da criança na faixa etária compreendida entre 4 e 6 anos".

Ora, só é sabido para quem escreveu o artigo pois a realidade é clara em mostrar a incompetência do Governo, conquanto seja sua obrigação à vista da dimensão social que o problema atinge, em prestar assistência boa e suficiente a crianças, desta idade inclusive. Tanto é

sabido só por este grupo que eles apenas se referenciam em projetos, que ninguém sabe sequer se serão algum dia implementados.

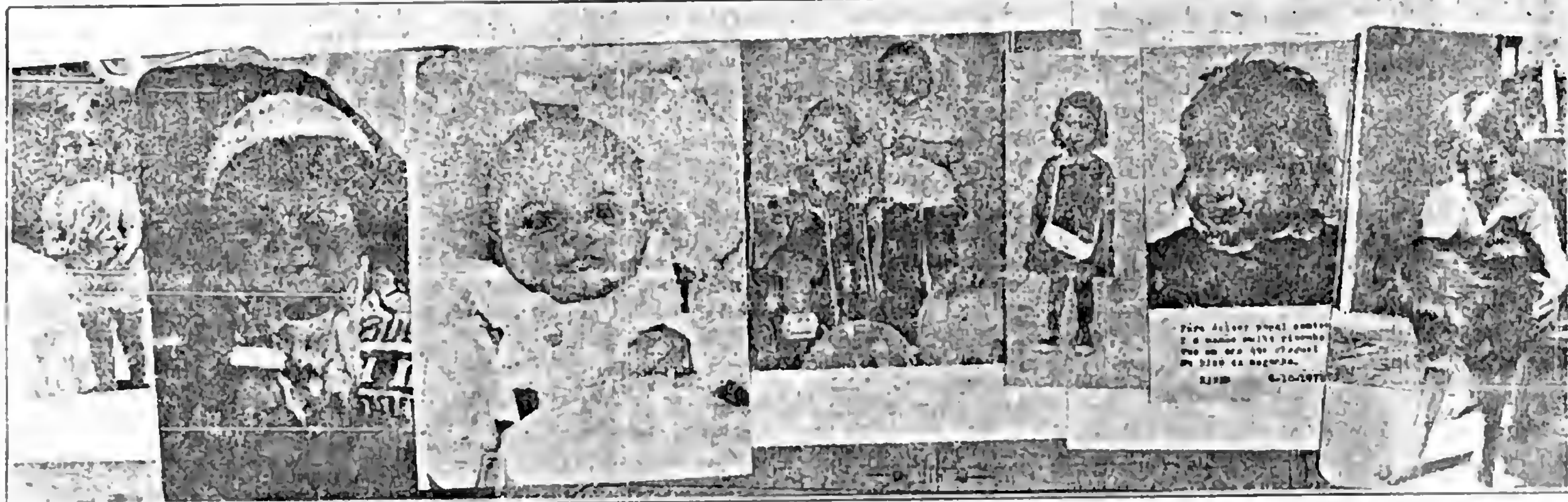
Outro ponto curioso no artigo foi o grupo ter chegado à conclusão de que menores de 2 a 4 anos também estariam cobertos através de escolas maternas existentes que oferecem "preços módicos e bom nível qualitativo". A partir de que referencial se considera "preços módicos"? Porque, para quem tem, como nós, a cada ano que passa, decréscimos salariais significativos, pois bem abaixo da inflação oficial (que se dirá da real), sem contar os aumentos reais que, embora devessem ser consignados, atualmente só aparecem em sonho, não existem preços módicos.

Creche: ganho indireto de salários

Dessa forma, para compensar essas perdas salariais que vimos sofrendo ao longo do tempo, conforme analisado no artigo sobre Creche no OVO 3, o benefício é encarado pelos funcionários como ganho indireto de salário, uma vez que Cr\$ 4.000,00, que foi o preço médio mensal encontrado em creches localizadas nas proximidades das suas residências, não é módico para a maioria dos funcionários.

Chegou-se assim, com todo esse malabarismo, à ridícula conclusão de que faltaria analisar o "tipo de amparo que se deveria conceder aos menores de 2 anos, sobretudo ao denominado "período de amamentação"; o que vale dizer que a lei, mais uma vez, com toda sua irrealdade, serve de ponto de referência para os que não querem ver os "fatos mas, ao contrário, insistem em soluções técnico-burocráticas que nunca irão atingir os seus usuários.

O nosso movimento pela creche continua até que consigamos atingir nossos objetivos pois é fato que, mais que um assunto em pauta, creche é uma necessidade premente, da qual todos nós devemos nos empenhar em obtê-la. E, frente à constituição da Câmara de Representantes, que objetiva o debate de questões de interesse geral, das quais a creche se inclui, todo nosso apoio a sua plena efetivação, de forma que possamos contar com um organismo mais adequado às nossas necessidades reais.



O Nome

Casado há mais de três anos e nada... Alvaro já começava a se impacientar. Era vidrado em crianças, havia combinado com a esposa em terem no mínimo dois filhos e até agora, as tentativas não tinham surtido efeito. E olhe que ele tentava! Dia sim, dia não, independente do cansaço adquirido em uma metalúrgica em S. Caetano, ele marcava ponto...

Como o tempo fôsse passando e o casal não tivesse a mesma tenacidade de Abraão e Sara (V. Bíblia), reuniram as economias e partiram para um tratamento científico. É bem verdade que o nosso amigo foi meio ressabiado, cioso que era de suas masculinidade: e se de repente se descobrisse que quem estava falhando era ele? Exame vai, exame vem, constatando uma anomalia em Ana Amélia, que exigiria um tratamento prolongado. Fez-se. Uma vez terminado, levou ainda cinco meses para que se desse a concepção. Alegria Geral!

Nove meses de contínuo e expectativa; a futura mamãe se cercou de todos os cuidados, fazendo um acompanhamento pré-natal rigoroso, para evitar uma possível complicação. Finalmente o filho adorado viria Alvaro conseguiu levantar um empréstimo bancário porque não há salário de metalúrgico que agüente 70% de inflação, em nenhum lugar do mundo.

Com esse dinheiro, até que conseguiram fazer um belo enxoval para a criança. Ansiedade, carinhos e zêlos se multiplicaram nas últimas semanas.

Só uma coisa servia para dividir o casal: o nome do filho. Se fôsse menina, até que Ana concordara com a sugestão do marido, Jerusa. O problema é que se nascesse um menino, a mulher não abria mão de Everaldo, enquanto o marido terçava armas por Heitor Benedito. De nada valiam os argumentos da esposa: «benzinho, eu não queria Jerusa, você sabe, mas afinal acabei concordando com você. Seja bonzinho e me deixe escolher o nome do garoto. Afinal, não estamos mais na Idade Média».

— «Não, não é não», replicava Alvaro nervoso. «Eu já escolhi e está acabado. Diga-me, quem é que manda nesta casa? Por ser primogênito, eu escolherei o nome».

Chegado o dia, por sinal foi à noite, houve um tremendo corre-corre, com o nervosismo de praxe, que só terminou quando veio ao mundo um belo garoto pesando 3,65 kgs. Logo de manhãzinha, Alvaro comprou duas dúzias de rosa na floricultura, mandando entregá-la, e se dirigiu ao cartório do bairro. Era todo sorrisos que nem a fila de cinco pessoas tirou o seu bom humor.

Fumou e leu o jornal, até que che-

gou a sua vez. Sentou-se O cartório perguntava e ele ia respondendo. Nome do filho? Inflou o peito e respondeu explicando: «Heitor, que é o nome do meu pai, Benedito que é o avô materno, e Ramos, que é meu sobrenome. Isto: Heitor Benedito Ramos!»

O funcionário se preparava para escrever, quando Alvaro pulou da cadeira e soltou involuntariamente um grito, assustando as demais pessoas presentes: ESPERA! O cartório intrigado, parou com o dedo já na letra H e perguntou o que tinha acontecido.

— «Espera um pouco», disse o metalúrgico com o rosto afogueado: «Sabe que eu não tinha pensado antes, e só agora é que me ouviu senti a cacofonia: benedi torramos. Puxa vida, e agora? Olha, vou abreviar pôe aí: Heitor B. Ramos».

Anies que o outro assim escrevesse, segurou-lhe o braço direito implorando: Espera. Solteu mentalmente o novo nome, coçou a cabeça atrapalhado e falou: «também não dá! imagina o moleque já nas escola e os coleguinhos a chamá-lo de berramos».

Os murmúrios na fila começaram a aumentar, o cartório estava se impacientando, e o diabo é que a cabeça do nosso amigo não estava funcio-

nando com a rapidez desejada. Olhou prum lado, olhou pro outro, respirou descompassado ao dizer afoitamente: «eu não queria, mas sou obrigado a tirar o Benedito: faz o seguinte, meu filho vai se chamar Heitor Ramos».

— «Não, não, pelo amor de Deus, não escreva! Saco, tá difícil. Como é que eu faço? Assim ficaria hei torramos, não pode...»

— «Ó, meu amigo, quem diz que assim não dá sou eu» — vociferou o funcionário. «Eu tenho mais coisa pra fazer, olha só a fila como está aumentando, decide logo esse nome, pô!»

Mais vexado que cachorro, quando não sabe onde esconder o rabo, ele já ia dizendo H. Ramos, quando parou desanimado e viu que continuava não dando. Benedito Heitor Ramos, Ramos Heitor Benedito, a carranca do seu interlocutor crescendo, crescendo, ele naquela aflição, até que meio inconsciente falou: «coloca Everaldo Ramos, o nome do meu filho».

Dobrou a certidão, guardando-a no bolso traseiro da calça, e num misto de alívio e tristeza infinita, ganhou a rua. Foi perambulando assim bem desligado, cabeça baixa, sentindo um vazio total, quando viu uma lata de lixo na calçada e PIMBA!, chutou-a do outro lado da rua.

bêpe



Maria Bethânia: emotividade



Marina: passional



Fafá: esfuziante

Um surto de cantoras, veteranas e estreantes. Para todos os gostos

Neste ano especialmente fértil em intérpretes femininas, as muitas opções podem tornar a escolha torturante. E já que disso também serve de presente para muitas necessidades, aqui vai um pequeno guia para orientar o consumidor neste fim-de-ano, bem como a indicação da tipo de presente para quem pode se destinar.

Para quem gosta de música

CLEMENTINA DE JESUS (Odeon) — Um trabalho impecável, a começar pela maravilhosa capa de Elías Andueza. Mesma começando tardiamente a carreira aos 65 anos, Clementina se mostra muitíssimo sanguínea ao exibir as ótimas sambas de seus ilustres convidados.

ESSA MULHER — Elis Regina (WEA) — Falar de Elis nunca vai ser melhor que ouvi-la. E ela está melhor que nunca, interpretando baladas rasgadas e sambas de sabor delicioso até mesmo com uma inimitável negritude.

RITA LEE (Sam Livre) — Um disco imprescindível para quem acredita no bom humor e aqueles que não acreditam em cack tipiniquim.

TROPICAL — Gal Costa (Polygram) — Em sua plenitude, uma das poucas reais superstars nacionais exibe e recita sucessos com uma voz caliente, sempre empolgante.

NANA CAYMMI (Odeon) — Fica difícil não ligar Nana a bom gosto, ocabamento, serenidade e, acima de tudo, emoção. Uma cantora discretamente masculina.

PEDAÇOS — Simone (Odeon) — Simone canta Chico, Milton, Ivry Lins, Fátima Guedes, Suelly Costa. O bastante para o LP ser indispensável, perfeito, um dos melhores do ano.

ORIGENS — Murla Bethânia (Odeon) — Redenção do primeiro trabalho em disco da cantora de "Carença", um tempo em que sua emoção batia na técnica sempre de goleada.

ESTRELA RADIANTE — Fafá de Belém (Polygram) — Fafá está madura e outra vez esfuziante neste seu quinto LP. Com um irresistível cheiro de natureza, ela trilha de Chico a Paulo André Barata com toda a experiência de seus 22 anos.

DOLORES DURAN (Copacabana) — Dolores Duran em 16

caas. Isso mesmo. As fitas gravadas na década de 50 serviram de base para um trabalho importante de reconstituição. O resultado não podia ser mais gratificante: um álbum duplo em que fica difícil acreditar que a grande compositora e intérprete da bossa não convive mais entre nós.

NARA (Polygram) — Desta vez Nara homenageia seu ídolo Chico. Sem descaçar no malemolente de arranjos sem inspiração — como quando cantou Roberto — ela prova que as prendas do lar não mudaram sua voz suave.

Para quem gosta da cantora

NO PAGODE — Beth Carvalho (RCA) — Sambista inveterada Beth agreda principalmente aos cultores do samba-guifeira, samba-morro. Com muita animação e pouco burilado.

DOCE VENENO — Alcione (Polygram) — Não há como negar as boas qualidades da cantora Alcione. Sambista enstica, no entanto mergulha de cabeça nas águas fúteis de um samba que peca pela mesmice.

PEDAÇO DE MIM — Zizi Possi (Polygram) — Precozmente implantada no primário time de sua gravadora, Zizi, exageros à parte, mostra ser capaz de, com o tempo, atingir essa meta.

ESPERANÇA — Clara Nunes (Odeon) — Uma ótima produção desperdiçada pela total falta de emotividade de Clara. Sua ludainha, ou melhor, fórmula, está diluída ao extremo, e sua (boa) voz se perde em flutuações arrastadas.

FREVO MULHER — Amelinha (CBS) — Melhor ainda que em seu LP de estréia, Amelinha festeja, em Frevo Mulher, os ritmos nordestinos com garra e balanço.

PECADO — Maria Creusa (RCA) — Como ser suave sem ser dormiente, sugestivo sem ser libidinosa? Poetas, além de Maria Creusa, detêm o segredo, com tanta maestria.

Para quem arrisca em promessas

FATIMA GUEDES (Odeon) — Anti-cáfila, deliciosa, empoladora desde já no primeiro time, Fátima faz de sua estréia um indefectível must.

NASCENTE — Joana (RCA) — Sem muita empolgação, mas com uma voz firme e doce, Joana promete mas fica apenas no morro e cómodo em sua estréia.

SIMPLES COMO FOGO — Marina (WEA) — Personíssima, Marina se revela tão boa cantora quanto compositora. Uma voz poderosa e relaxada adentra sempre seus temas passionais, muito bons.

AVE DE PRATA — Elba Ramalho (CBS) — Desfocada na capa, cristalina no vinil, a

atriz e cantora debuta num LP empolgante, onde não se economiza pulmões e energia.

RUMO NORTE — Irene Portela (Copacabana) — Chiadris conspiram contra o bom início desta nortista de qualidade. Mas não chgou a prejudicar o bom desempenho geral.

20 PALAVRAS AO REDOR DO SOL — Cátia de França (CBS) — Chegada ao folclore não fúido, a vibrante e novata compositora só perde o impacto por sua pouca vivência como cantora, a lapidar.

VENTO NORDESTE — Terezinha de Jesus (CBS) — Que cantam no Sul — maravilha, mesmo que pela ação da gravidade, nordestinos de qualidade de Terezinha. Outro LP promissor de bons ventos para a MPB.

Para presentear o inimigo

PASSARO IMIGRANTE — Cláudia (CBS) — Não basta apenas um boa intérprete para se fazer um bom disco. Cláudia e seu passaro estão desgrados neste vôo inútil.

POSSO FALAR? — Faffy (CBS) — Uma mistura de Zé Rodrix e Raul Seixas provavelmente seria indigesta. Só Faffy não julgou essa possibilidade.

VIVA — Vanusa (RCA) — A voz de Vanusa não é desprezível. Seu repertório desequilibrado, discursivamente banal e sem apuro é que leva o fama.

EM 1.000 KILOHERTZ — Quarteto em Cy (Polygram) — Como era de se esperar, nenhum arroncho ou onsdin. Mais um LP apenas destinado aos incuráveis fãs do tão-nocedien quarteto.

As mulheres e o movimento operário

A participação das mulheres nos movimentos socialistas e vice-versa sempre foi tema polêmico.

Aqui, um pouco da história dessas lutas, encontros e desencontros, a partir da Alemanha e da Rússia do começo do século.

Resenha do livro *Allemagne de 1914 — Révolution Russe — Révolution Espagnole*, de Annik Mahaim, Alix Holt e Jacqueline Heinen. *Do Cahier du féminisme*. Nº 11, out/nov 1979.

Ao longo de toda a segunda metade do século XIX, os marxistas lutaram contra a burguesia-mas também no interior da classe operária pelo direito ao trabalho das mulheres. Mas no início do século XX este direito estava longe de ser adquirido. O desejo de afirmar o caráter indissociável da luta do proletariado dos dois sexos fazia predominar a idéia de não reconhecer nenhuma questão especificamente feminina; "não reconhecemos", dizia Clara Zetkin em 1889, nenhuma questão concernindo especificamente às trabalhadoras". Convicção que a levou, em um primeiro momento, a recusar qualquer pedido de proteção do trabalho feminino em relação, por exemplo, com o problema da maternidade. Porém, rapidamente o movimento de mulheres socialistas da Alemanha, dirigidas por C. Zetkin, enriqueceu sua concepção da luta pela emancipação não se contentando mais em avançar apenas ao lado do direito de voto, das reivindicações tocantes às condições de trabalho. Em 1905, é a batalha pela responsabilização da sociedade com respeito às crianças e ao trabalho doméstico: Clara já adianta a idéia de que o pai deve se ocupar também da educação das crianças.

A Revolução russa mostrou todas as conquistas das correntes marxistas sobre a emancipação da mulher: em nenhum país medidas tão radicais foram tomadas. Mas surgiram também certas limitações encontradas ainda pelo movimento operário, inclusive nas alas revolucionárias. Para explicá-lo, é hábito reenviar às condições de então; em particular ao atraso de um país como a Rússia. Isto se faz necessário. Porém, como mostra A. Holt, no quadro dos estrangimentos econômicos e do peso do atraso cultural, várias políticas eram possíveis. Não se pode compreender as dificuldades encontradas pelos bolcheviques neste terreno, se não se reenviar também aos limites de uma política e de um programa.

Como para eles, a solução concreta para a emancipação estava na participação das mulheres no trabalho e na socialização das tarefas domésticas, os revolucionários russos não se preocuparam com a análise da divisão sexual do trabalho produzido pela família. Além disso, a pressão da situação econômica e social contribuindo, houve uma tendência a justificar uma situação de fato pela necessidade por intermédio de argumentos bastante discutíveis. Assim, Kollontai, em 1921 explica que diante das dificuldades econômicas, é difícil evitar que as mulheres encontrem um trabalho que não seja na continuidade de suas tarefas no lar. Certo. Mas nada a obrigava a explicar este estado de fato pela necessidade de respeitar uma "divisão natural do trabalho" ou de discorrer sobre o direito materno no que consiste na criação de seu filho.

Quanto ao aborto e a contracepção, já em 1917 Lenin se declarava favorável à "abrogação de todas as leis que interditavam o aborto ou a difusão médica sobre as medidas contraceptivas". Porém, só em 1920 o aborto foi legalizado. Claro que estas condições não são as mesmas de nossos dias, mas

mesmo assim, Kollontai explicava que a legalização do aborto veio sob a pressão das mulheres trabalhadoras entre as quais ele era amplamente difundido. Mas não tinha aparecido como uma luta explícita nas mulheres russas que no entanto haviam se mobilizado largamente durante a revolução de Outubro. O peso de luta desenvolvida pelo movimento operário no século passado contra o malthusianismo, o pouco avanço na tradição socialista sobre a sexualidade faziam-se, pois, sentir. Não foi desenvolvida nenhuma educação de massa sobre a contracepção, as pesquisas médicas sobre os meios contraceptivos modernos foram logo abandonados por falta de crédito.

Os limites da política dos bolcheviques

Quer se trate da Alemanha ou da Rússia, C. Zetkin ou os bolcheviques se deparavam não apenas com o peso das condições objetivas mas também com a insuficiência da análise marxista com respeito à opressão da mulher. Com isso, o que dominava era uma visão simplificada desta questão: a participação das mulheres no trabalho assalariado regulava de fato o conjunto dos problemas ligados a sua emancipação. Havia nisto um certo "economismo": superestimação da igualdade realizada pelo trabalho assalariado entre mulher e homem, subestimação dos efeitos da divisão sexual do trabalho (forjada na família) sobre a situação das mulheres no conjunto da sociedade. É preciso lembrar que, depois da

publicação do livro de Engels — *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* só havia praticamente as experiências da social-democracia alemã e da Revolução Russa.

Em seu afã de afirmar o caráter indissociável da luta do proletariado dos dois sexos, e para se distinguir dos movimentos feministas burgueses, C. Zetkin, por exemplo, preconizava que as mulheres se reunissem às organizações mistas da social-democracia.

Formas de Organização

A primeira dificuldade da social-democracia na Alemanha foi a lei bismarckiana que proibia à mulheres participar das reuniões políticas. A social-democracia encontrou um subterfúgio para contornar esta lei.

Em 1892 foi posto em prática o sistema das "pessoas de confiança" que eram eleitas por organizações de mulheres "independentes" e as representavam no seio do partido. Uma resolução de 1900 da conferência das mulheres socialistas explica que "as pessoas de confiança devem zelar para que as exigências colocadas pelas mulheres proletárias na condição de membros da classe explorada e oprimida e enquanto membros do sexo feminino não livre socialmente" sejam tomadas nas mãos por todo o movimento social-democrata. Finalmente, em 1908 as mulheres socialistas são integradas ao partido, mas conservam suas

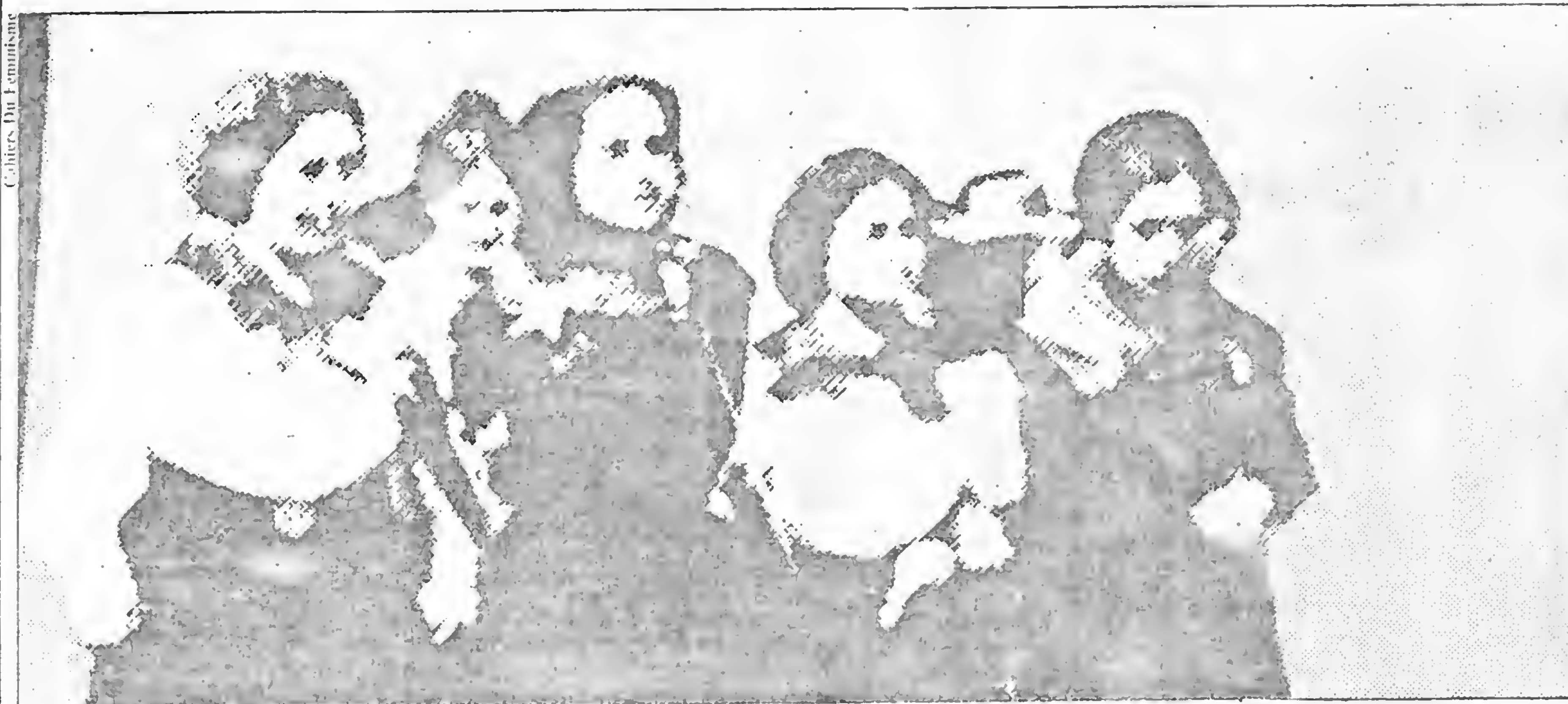
próprias formas de organização: o jornal *Die Gleichheit* (A Igualdade), conferências próprias, a possibilidade de organizar reuniões não mistas.

Seria falso, porém, fazer deste movimento um embrião do "movimento autônomo das mulheres", particularmente em virtude das formas peculiares das relações entre partido e organização de massa que se encontrava na social-democracia antes de 1914.

Quanto à Rússia, em 1906, Kollontai começara a organizar as mulheres operárias em clubes não mistos. Em 1908, na sequência da participação de um grupo de trabalhadores no 1º Congresso panrusso das mulheres, Lenin fez votar no comitê central do partido uma resolução que encorajava a criação de organizações políticas e sindicais femininas separadas. Não se especificou porém o caráter delas e o debate não prosseguiu.

Depois de 1917, o problema ressurgiu e se traduziu pela criação dos "genotdels" que não consistiam em uma organização independente das mulheres mas a organização do partido em direção às mulheres que estavam representadas no interior dos organismos correspondentes do partido. Tinham seu jornal, seu escritório nas cidades e aldeias. Conferências reagrupando operárias e camponesas membros ou não membros do partido reuniram-se funcionando de fato como garantia de que o partido, os soviets, os sindicatos tomassem nas mãos os problemas das mulheres. Os "genotdels" conheceram altos e baixos antes de serem finalmente suprimidos em 1930 por Stalin.

(A. Ariens)



O porteiro da noite

Resenha de *O porteiro da noite*, filme de Liliana Cavani. Com Charlotte Rempling e Dirk Bogarde.

Em circuito nacional. O torturador nazista encontra sua torturada predileta muito tempo depois...

Com a atraente observação escrita nos cartazes dos cinemas "na integral", este filme, anteriormente proibido, vem recebendo filas de curiosos. Se esses espectadores esperam uma denúncia das atrocidades da SS hitlerista contra os judeus, saem desapontados. Se vão à procura de cenas sexuais sádicas e escabrosas (e/ou prazerosas?) que a imaginação nazista pôde concretizar com seus prisioneiros, também saem frustrados. Nem mesmo o enorme cartaz mostrando a semi-nua atriz principal, Charlotte Rempling, entre os oficiais com seus negros uniformes da SS, nem mesmo a antiga proibição do filme (uma incógnita, aliás, entre outras), podem dar uma idéia da mensagem que a diretora Liliana Cavani parece pretender. Do leque possível de interpretações que são sugeridas ao espectador, pelo menos uma é bastante nítida: há um tema central que não é novo no cinema. Trata-se de uma relação sado-masoquista (que Bergman já introduzira em suas obras e que o filme, ainda inédito comercialmente entre nós, "O Império dos Sentidos", explicita sem limites).

Neste caso em particular, o "Porteiro da Noite" é um ex oficial da SS (o sempre excelente

Dirk Bogarde), que reencontra sua torturada predileta anos depois, na Viena de 1957, e a relação estabelecida anteriormente na prisão - entre carrasco e vítima - tenta recompor-se. Marx dissera que a história se repete, na primeira vez como tragédia, e na segunda como farsa. Nessa "segunda vez" não há nenhum oficial nazista em exercício que violenta a jovem prisioneira, mas é uma mulher bela, rica e cultivada - casada com um maestro de sucesso que encena Mozart na Ópera de Viena - quem vai procurar "repetir" suas vivências antigas com seu ex-carrasco, agora um porteiro do hotel onde ela se hospeda, igualmente atraído pelos fantasmas desse rasgo de seu passado.

Rodeando esse tema central a diretoria tece uma tênue rede das ligações entre os ex-nazistas que se unem e se julgam entre si, para destruírem as provas de seus crimes, antes que os judeus caçadores de nazistas o façam. Ao mesmo tempo, eles se reúnem tentando esboçar uma "psicoterapia grupal", na tentativa de eliminar, em cada um deles, possíveis sentimentos de culpa que o tempo poderia ter criado. E é esse sentimento de

culpa, ao que parece, a mola mestra dessa história.

O triunvirato culpa-castigo-prazer mantêm-se dentro de um bom ritmo e consegue prender a atenção do espectador. A relação sado-masoquista, apenas constatada como rótulo, pouco diz, mas se lembrarmos que a psicanálise (seguramente, a diretora Liliana Cavani não a dispensou na elaboração de sua obra) tenta explicar essa relação como um sentimento de culpa (mesmo inconsciente), que no masoquismo se manifesta como um sadismo contra si próprio, e no sadismo essa destruição é exteriorizada, talvez as coisas se esclareçam um pouco mais.

Na história como tragédia Lucia (Charlotte Rempling) é submetida, incondicionalmente, às fantasias sexuais de Max (Dirk Bogarde), tornando-se, no campo de prisioneiros, sua "garotinha". Como vítima, não lhe cabe ter prazer nos jogos sexuais que lhe são impostos, mas ela o tem. Como vítima, não lhe cabe dizer ao algoz sobre um prisioneiro que a importuna, mas ela o faz. E qual Salomé, acaba por receber a

cabeça de João Batista (no caso, a do prisioneiro) como "presente".

Na história como farsa, o reencontro do par obedece às mesmas regras de antes: o prazer em sofrer o castigo, a dor, a punição, com a diferença que, agora, esse ritual aparece como sendo o único meio de redimir a culpa pelo alto preço pago para a sobrevivência. No entanto, carrasco e vítima não mais aparecem com limites bem contornados como antes.

Não há uniformes, nem prisão, e o jogo sado-masoquista passa a dispensar personagens definidos. Os próximos movimentos do filme já podem ser previstos. A dissolução da identidade dessas vítimas-carrascos é inevitável, e restará, tão somente, a morte real (num final bem elaborado pela diretora). O assassinato desse par é o último e insignificante fato que vem arrematar o movimento lento e cruel de destruição e aniquilamento iniciado em vida. Não teria razão Freud ao dizer que "...poder-se-ia admitir que o instinto de morte atua silenciosamente no íntimo do ser vivo, perseguindo sua desintegração..."? (Rachel de Andrade).

Jornal da República - 21/11/79 **MULHERES**

O Piqueri exige uma creche

Quarenta mães «cansadas de promessas» foram à Cobes cobrar providências

DJALMA DOMINGOS DE OLIVEIRA

O que querem essas mulheres que ontem compareceram, em passeata, diante da Coordenadoria do Bem-Estar Social - Cobes, cantando hinos infantis e portando faixas alusivas ao Ano Internacional da Criança? Eram cerca de quarenta donas-de-casa, representantes das mulheres do Piqueri, bairro da Zona Norte, que não têm uma creche onde possam deixar os filhos no horário do trabalho.

Na opinião delas, a creche reivindicada é o mínimo que a Coordenadoria, órgão da prefeitura de São Paulo, pode fazer pelas moradoras do bairro, inteiramente, desprovido de saneamento, postos de saúde e escolas. Na porta do prédio, elas foram atendidas pela coordenadora do Bem-Estar Social, Terezinha Fram, para quem entregaram um abaixo-assinado, contendo dois mil nomes.

A coordenadora prometeu encaminhar o pedido para estudos, e isso acabou desagradando as mulheres, «cansadas de promessas», que exigiam providências mais concretas. A começar pela própria Terezinha, que já lhes tinha dado «cano», deixando de comparecer a um encontro no último dia 25 de outubro. Na igreja de Nossa Senhora do Carmo, nesse dia, 450 pessoas aguardaram dona Terezinha que, segundo algumas moradoras, chegou a ir até o Piqueri, com sua secretária, sem, no entanto, entrar na igreja,

onde estava combinado o encontro. «Por isso resolvemos fazer essa passeata e entregar o abaixo-assinado para a coordenadora», contou uma das mães.

Depois de uma rispida discussão, as moradoras conseguiram arrancar nova promessa de Terezinha Fram, de comparecer ao bairro para sentir de perto «a realidade da vida da gente». Diante de câmeras e de máquinas fotográficas dos repórteres presentes à passeata, o encontro ficou acertado para o dia 15 do mês que vem, na mesma igreja de Nossa Senhora do Carmo,

quando se espera que a creche saia de uma vez por todas.

«Muitas mulheres aqui», explicava uma das líderes do movimento, «estão perdendo um dia de trabalho ou deixando de cuidar da casa enquanto o marido está fora trabalhando». Várias delas, precisaram levar os filhos, ontem, ao Cobes, «porque eles não podem ficar jogados nos esgotos do bairro», diziam para Terezinha Fram que, acenando com a cabeça, concordava. Durante mais de uma hora, as donas-de-casa expuseram os seus problé-

mas, lembrando sempre que aquela não era uma reivindicação exclusiva das moradoras do Piqueri, mas sim de toda uma região que abrange, entre outros, os bairros vizinhos de Joamar e Vila Anrora. Para defenderem seus interesses coletivamente, as moradoras revelaram ainda que estão organizando uma Associação Feminina da Zona Norte, que terá como prioridade a reivindicação de creches em toda a região. «É o que queremos, e não a mudança da capital», dizia uma mãe e uma das faixas estendidas diante da Coordenadoria.



MÃES E FILHOS

Abaixo-assinado e novo convite para ir até o Piqueri

Mães da Z Norte pedem creches

Um grupo de 40 mulheres residentes na Zona Norte da Capital, acompanhadas de seus filhos, foi ontem à Cobes — Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura, para reivindicar a construção de creches no local. Elas chegaram cantando uma paródia de "Terezinha de Jesus", em que enfatizavam seus principais problemas.

Na Cobes, as donas-de-casa continuaram o conto até serem atendidas pela coordenadora, Terezinha Fran. Da. Luiza Alves dos Santos, falando em nome do grupo, queixou-se de que a Prefeitura até agora não cumpriu a promessa de construir creches. Sem outra alternativa, segundo disse da. Luiza, as mães são obrigadas a deixar seus filhos "jogados na rua", pois precisam trabalhar fora de casa para completar o orçamento familiar.

Elas entregaram um abaixo-assinado com mais de duas mil assinaturas de moradores da região, que engloba os bairros de Vila Zilda, Piqueri, Furnas, Joamar, Paulista e outras vilas próximas. Segundo as donas-de-casa, que carregavam cartazes exigindo a construção das creches, "o problema está se tornando dramático" na Zona Norte, onde não existem escolas, postos de saúde e outras melhorias.

Terezinha Fram, por sua vez, disse que a Prefeitura está atenta aos problemas daquela região, principalmente quanto às creches, e solicitou que seja feito um levantamento estatístico do número de crianças de zero a três anos cujas mães trabalham fora e uma sugestão sobre o local mais indicado para a construção da creche.

BRIGA

No diálogo com a coordenadora, as mulheres explicaram que seria difícil fazer o levantamento, já que elas têm outros afa-



Um grupo de 40 mães foi à Cobes

zeres: "A Prefeitura tem funcionários pagos para esse trabalho", disse uma delas, acrescentando que "se a Prefeitura quisesse construir as creches já teria feito, pois ela sabe perfeitamente cobrar os impostos do povo".

A coordenadora, depois de pedir calma explicou que a Prefeitura tem recursos para a construção das creches e que isso será feito assim que o trabalho de pesquisa científica estiver concluído.

Mães da Zona Norte exigem rápida construção de creches

Um grupo de cerca de 40 mães da Zona Norte da Capital, acompanhadas de seus filhos, foram, ontem, à Cobes — Coordenadoria do Bem-Estar Social da Prefeitura, reivindicar a construção de creches para o local. Elas chegaram ao local num ônibus, alugado por Cr\$ 1.500,00, cantando uma paródia de "Terezinha de Jesus", na qual falam de seus problemas e reclamam da mudança da Capital.

Na Cobes, as donas-de-casa continuaram o canto até serem atendidas pela coordenadora, Teresinha Fran. Da. Luzia Alves dos Santos falou em nome das outras, dizendo que a Prefeitura vem prometendo a construção de creches, sem cumprimento. Disse também que as crianças "ficam jogadas na rua", porque as mães têm de trabalhar fora, para ajudar no orçamento da família.

Elas entregaram um abaixo-assinado com mais de 2.000 assinaturas de moradores da região, que engloba a Vila Zilda, Piqueri, Furnas, Joamar, Paulista e outras vilas próximas. Segundo as donas-de-casa, que carregavam cartazes exigindo a construção de creches, "o problema está se tornando dramático" na Zona Norte, onde não existem escolas, postos de saúde e outras melhorias.

A coordenadora, Teresinha Fran, afirmou, no entanto, que a Prefeitura está atenta aos problemas daquela região, principalmente quanto às creches. Solicitou, ainda, que elas fizessem um levantamento estatístico do número de crianças de 0 a 3 anos, cujas mães trabalham fora e qual o local mais indicado para a construção da creche.

BRIGA

No diálogo com a coordenadora, as mulheres explicaram que o levantamento seria difícil de ser feito por elas, já que têm outros afazeres. "A Prefeitura tem funcionários pagos para esse trabalho", disse uma delas. Acrescentou ainda que, "se a Prefeitura quisesse construir as creches já teria feito, pois ela sabe perfeitamente cobrar os impostos do povo".

A coordenadora, depois de pedir respeito a uma das senhoras, explicou que a Prefeitura tem recursos para a construção das creches e que isso será feito assim que o trabalho de pesquisa científica estiver concluído. "Se a gente ficar esperando tudo isso, a creche vai ficar pronta quando nossos filhos estiverem mocinhos e a gente já estiver velha", retrucou uma dona-de-casa.

Fran reconheceu, no entanto, que a coordenadoria conhece perfeitamente o problema e admitiu que 90% daquela região são necessitados, enquanto no plano global a Prefeitura só consegue atender a 10% da população carente. Disse ainda que "sempre cumpre" suas promessas e essa era uma promessa: as creches serão construídas.

Para as donas-de-casa, porém, "só vendo para crer", segundo da. Luzia, pois já "falaram muito, fizeram muita demagogia e até agora nada foi feito". Teresinha Fran prometeu, ainda, visitar a região no próximo dia 15 de dezembro, quando participara de uma reunião com as donas-de-casa da Zona Norte e receberá o levantamento solicitado ontem.

Fala Zuleika Alembert

Uma feminista do Comitê Central do PCB fala a Movimento

Zuleika Alembert tinha 23 anos quando ingressou no Comitê Central do PCB, que na época, 1945, chamava-se Partido Comunista do Brasil. Era uma moça cheia de entusiasmo e vitalidade — condições que não foram suficientes, porém, para ser tratada com igualdade pelos companheiros. Além de inexperiente, Zuleika tinha outro “defeito”: era mulher. Por isso, muitas vezes nem ouvida era.

Hoje, mais de 30 anos depois, Zuleika continua no Comitê Central, com a mesma vitalidade de antes (“aos 56 anos, faço coisas que muita moça de 30 não faz”). A discriminação, reconhece, diminuiu muito graças ao seu esforço neste sentido. Mas ainda existe comunista que insiste em tratá-la como “flor” e dar-lhe atividades menos relevantes. Afinal, Zuleika continua sendo mulher.

Na semana passada ela contou a *Movimento* sobre suas lutas contra a discriminação no PCB; e também sobre as conclusões a que chegou a respeito da luta feminista em todo o mundo. Além de uma longa experiência pessoal no assunto (“Hoje, para mim, o homem é um bom complemento, mas se for embora não me arranca nada”), Zuleika nos últimos anos viajou por vários países, incluindo a União Soviética, onde observou a situação das mulheres.

Depois do golpe militar de 1964, Zuleika Alembert viveu na clandestinidade até 1970, quando foi para o Chile, dedicando-se à organização das mulheres. Mais tarde foi para a França, contribuindo para a criação do Comitê Europeu de Mulheres Brasileiras, responsável por um dossiê sobre a situação da mulher, apresentado posteriormente no Congresso Mundial da Mulher.

Da entrevista com Zuleika, feita pelo repórter *Marcio Bueno*, do Rio, participou a jornalista, escritora e deputada estadual (MDB-RJ) *Heloneida Studart*, grande conhecedora dos problemas da mulher no Brasil. Heloneida, entre outros, escreveu os livros, “Mulher, objeto de cama e mesa” e “China: o Nordeste que deu certo”.

Zuleika Alembert, entrevistada por Heloneida Studart, fala do feminismo, do socialismo, da opressão social, do machismo do PCB, da sexualidade e de sua luta de mais de 30 anos de militância política.



Heloneida Studart (à esquerda) e Zuleika Alembert em seu apartamento, no Leme, Rio

MÁRCIO — Em primeiro lugar, queríamos saber sobre a história de sua entrada no Partido Comunista e as eventuais dificuldades que surgiram pelo fato de você ser mulher.

ZULEIKA — Entrei no partido em 1945, na época da guerra, quando a política desenvolvia-se muito no país. Não houve dificuldades para eu entrar, porque havia na época um grande ascenso democrático no país e no nosso partido, então na legalidade, passou rapidamente de 2 mil militantes para 150 mil membros. Todas as pessoas que apresentavam certa potencialidade como dirigentes eram rapidamente utilizadas para suprir o trabalho de direção de um pequeno partido que se transformara num grande partido de massas. Assim posso dizer que não tive dificuldades para entrar, mesmo porque eu já era uma pessoa de massa — era conhecida na minha cidade por ter uma vida anterior no campo político e cultural. Eu trabalhava em teatro, praticava esporte... Também não tive dificuldades para rapidamente ascender aos postos de direção.

Com a desenvoltura que eu tinha, e passando rapidamente por um mínimo de cursos políticos, me vi — num tempo relativamente curto e ainda bastante imatura — projetada para o Comitê Municipal do PC. Três meses depois fui para o Comitê Estadual e um mês depois estava no Comitê Central, sem uma bagagem sólida, ideológica, política, etc...

É evidente que para os outros companheiros, aqueles que constituíam o núcleo de direção, que eram homens com certo passado histórico, era meio chocante cair no meio deles uma garota de 23 anos sem um passado, sem uma história, enfim, um pouco empurrada pelos acontecimentos.

Foi realmente um começo difícil. Durante as reuniões do Comitê Central, quando eu fazia uso da palavra, por exemplo, os companheiros não prestavam atenção, não davam a atenção devida. A mim cabiam tarefas não tão responsáveis, havia um sentimento de discriminação inconsciente por parte dos companheiros. Eu tentava enfrentar essa situação sem saber exatamente como, porque não manejava os instrumentos de análise daquilo que ocorria comigo. Eu só

fui vencer na prática, na base de um trabalho realmente prático, concreto, que me fez respeitada perante os demais camaradas.

Na atualidade, não posso dizer que haja uma discriminação. Sou uma pessoa bastante respeitada; quando falo sou ouvida, mas porque tenho um passado, um trabalho. É evidente que às vezes as discriminações ocorrem de maneira disfarçada: se você está numa reunião do Comitê Central e existem várias comissões de trabalho, eu sempre fico na Comissão de Assuntos Gerais, na Comissão de Organização, mas nunca na comissão que elabora a política geral do partido. Isso acontece também quando é preciso escolher um representante do partido para um congresso internacional: se há um congresso na Bélgica, outro na Itália e outro na França, sou indicada para representar o partido no Congresso da Bélgica. E se tivesse um menorzinho, eu iria para o menorzinho.

Dentro do partido eu nunca quis ser tratada sem a devida cortesia, porque era mulher, mas também não quis ser tratada como flor. Sempre quis ser tratada como um membro igual, com o mesmo respeito. Sempre vi atitudes, deste ou daquele companheiro, ou te rasgando sedas, até não poder mais, porque você é mulher, ou então fazendo com que você exista dentro do partido não como uma mulher, mas como um homem. Outro dia, numa entrevista, eu dizia que realmente o que acabou ocorrendo no fim comigo é que, para os companheiros, não sou uma mulher, mas um homem. Porque faço política igual a eles.

HELONEIDA — Fica parecendo quase sempre que o mundo do trabalho, o mundo da política, o mundo da elaboração, pertence aos homens. Mas este mundo pertence aos homens e mulheres.

ZULEIKA — Exatamente. Hoje não posso me queixar — sou uma pessoa respeitada dentro do meu partido. Mas esta é realmente uma conquista de 30 anos de trabalho.

MÁRCIO — Zuleika, qual é a situação da mulher no mundo, na União Soviética, na China, nos países capitalistas mais desenvolvidos? Você tem números sobre a participação das mulheres na direção dos negócios de Estados nestes países?

ZULEIKA — Eu conheço mais a vida da mulher nos países ocidentais, onde vivi, como Itália, França, principalmente, e Bélgica. Convivi pouco com as mulheres dos países socialistas, mas o suficiente para ter um apanhado geral da questão.

Se você fizer uma comparação entre os países socialistas, em particular a União Soviética, com mais anos de construção socialista, e os países ocidentais, verá que, realmente, nenhum país ocidental colocou a mulher num lugar que ela tem num país socialista. Tomada assim, a mudança de estrutura, a liquidação da sociedade de classe e o estabelecimento da sociedade socialista abriu os caminhos para a mulher conseguir a sua emancipação. Na União Soviética, 90% das mulheres trabalham. E é um dos lugares onde ela mais trabalha, porque não dispõe ainda de uma infra-estrutura à altura do trabalho que desenvolve. Isto faz com que ela tenha que realizar a dupla jornada de trabalho: trabalha duro, estuda e ainda tem que atender o lar, porque a infra-estrutura soviética, o grau de desenvolvimento da indústria, dos serviços sobretudo, ainda não permitiu à mulher um amplo serviço social.

MÁRCIO — Você quer dizer a ausência de um serviço coletivo?

ZULEIKA — Exatamente. Se você compara com outros países socialistas, a quantidade destes serviços na União Soviética é muito maior. Mas não é suficiente para o grau de necessidade deles.

Lênin já dizia que a emancipação da mulher, a libertação completa, é uma das coisas mais difíceis dentro de uma sociedade; e que a União Soviética teria uma das revoluções mais longas, porque teria que, em primeiro lugar, alcançar um alto grau de desenvolvimento, de automatização dos serviços, para que a mulher não precisasse executar trabalho doméstico nenhum, nem o homem. Em segundo lugar, precisava haver tamanha reviravolta para que desaparecessem as concepções de herança e tradição, que não se conseguiu ainda lá.

Mesmo assim, o número de mulheres que existem hoje no Soviete Supremo da União Soviética é maior que o das mulheres que passaram pelo parlamento norte-americano durante toda a sua vida republicana. Sobre a existência de problemas que ainda existem nos países socialistas, sempre coloco que a transformação da sociedade cria as premissas, mas não resolve totalmente o problema da mulher, que será resolvido numa etapa bastante alongada.

HELONEIDA — Sem transformação da sociedade não há transformação da situação da mulher. Mas também é muito importante que ocorra uma revolução na cabeça das mulheres. Você vê, por exemplo, na China, onde a transformação foi impressionante. Eu estive na China em 1977. Aquelas pequenas escravas que antes eram vendidas, hoje são tratoristas, engenheiras.

Na China o que houve foi uma transformação na lei, nos costumes, e as mulheres estão nos cargos. Mas a transformação emocional, dentro das pessoas, não se deu ainda. Então se vê mulheres que ainda não fumam cigarro em público, não bebem um gole de bebida alcoólica. As mulheres, de um modo geral, não reivindicam nem a sua afetividade, nem a sua sexualidade, que a China milenarmente sempre omitiu, fazendo delas um objeto dos homens. E daquelas mulheres que nem usam o nome do marido. Elas não reivindicam a afetividade nem a sexualidade. E quando tentamos falar sobre isso com elas, ficaram retraídas, tímidas e até mesmo perturbadas.

ZULEIKA — Da China não conheço nada. Mas gostaria de realçar um fato novo que está ocorrendo hoje no mundo socialista, principalmente na Hungria, Tchecoslováquia e República Democrática Alemã. Nestes países, a situação da mulher começa a ser colocada em filmes, em debates. Os últimos filmes da Hungria colocam para os assistentes os problemas candentes da situação feminina, de forma muito crítica. Não escondem que essa condição existe e precisa ser transformada.

HELONEIDA — Muitas mulheres são cúmplices de sua própria situação. Nós agora vimos o caso do Doca Street, que matou uma mulher com quatro tiros na cara. E a maioria das mulheres a quem se consultava dizia...

ZULEIKA — Apaixonadas pelo Doca!

HELONEIDA — Diziam que ele "fez muito bem em matar, porque ela era uma vagabunda". Quer dizer: fazendo juízo sobre a vítima e não sobre o criminoso, e aceitando que uma mulher possa ser morta por seu

comportamento sexual. Isto é a cumplicidade da própria escravidão.

MÁRCIO — Gostaria que você explicasse o seguinte: foram criadas as condições necessárias na URSS? Por exemplo: existem lavanderias?

ZULEIKA — Era isso que eu falava. Existem sim, mas não no número necessário ainda. Porque o desenvolvimento das forças produtivas nesses países ainda não permitiu automatizar os serviços; e ninguém quer trabalhar no setor de serviços. Então, abre a tinturaria, abre a lavanderia, mas não tem ninguém interessado em trabalhar.

Há uns três anos, parece, o Fidel Castro fez um balanço da situação da mulher em Cuba, onde apresentava os dados anteriores à revolução cubana, comparando-os com os daquele momento. A diferença era um abismo, mas ele dizia que ainda era pouco porque falta isto e aquilo. Por isso que eu digo: você não pode comparar o país capitalista com o país socialista. A mulher conseguiu uma dignidade no país socialista, que não tem no país capitalista. Mas aí se coloca um outro problema, que é exatamente a revolução das cabeças. E a revolução das cabeças é uma coisa difícilíssima. Se entrarmos na análise disso, vamos chegar àquela coisa que até recentemente não gostávamos de dizer: a opressão da mulher, em certa medida não consciente, é mais velha que a sociedade de classes. A sociedade de classe deu a consciência, codificou, pôs na lei, transformou em verdade, em verdades sagradas, entende?

MÁRCIO — Só um detalhe: se lá esses serviços ainda não existem em número suficiente, continua a necessidade do trabalho doméstico. Como é que fica a questão do relacionamento do homem e da mulher na execução dessas tarefas?

ZULEIKA — Na União Soviética as famílias jovens já fazem a divisão do trabalho doméstico. Eu conheço casais que estudam na universidade e trabalham na fábrica, dividindo as tarefas de casa. Os rapazes saem com as crianças para passear, vão comprar o leite, ficam na fila. O que evidentemente ocorre menos quando se trata de velhos que, como em qualquer país capitalista, têm horror de fazer isso.

Em Cuba foi decretada, através de lei, a obrigatoriedade dessa divisão do trabalho. É meio difícil de examinar, pois se a mulher não disser, não denunciar, a lei não funciona. Mas puseram a lei e o homem pode ser preso por causa disso.

MÁRCIO — Isso é recente?

ZULEIKA — Não, já deve ter uns quatro anos.

MÁRCIO — O homem é obrigado a dividir o trabalho doméstico com a mulher?

ZULEIKA — E, e pode ser preso, se denunciado pela mulher.

MÁRCIO — Voltando à questão da mulher e a política: porque há tão poucas mulheres na direção dos partidos comunistas?

ZULEIKA — Acho que a mulher sempre foi marginalizada da coisa pública, uma vez que já é marginalizada no trabalho e na

"Eu monto numa motocicleta e ando todo o interior de Paris. Eu sou capaz de dançar a noite inteira, canto e toco violão, eu amo a vida, eu trabalho. Não é um privilégio meu. A mulher conquistou hoje o direito de ser jovem de espírito e de corpo por um período muito mais largo do que no passado"



própria família. Isso é uma coisa um bocado secular. Isso também tem repercussão nos partidos comunistas, onde você encontra às vezes um número muito reduzido de mulheres nas direções dos órgãos partidários.

Mas está havendo uma mudança de qualidade nesse sentido nos partidos, sobretudo dos países ocidentais. Eles foram obrigados a reconhecer esse atraso. Os partidos da França e da Itália resolveram mesmo promover a mulher e levá-la para uma participação muito maior. Mas todos eles se queixam, fazem autoerítica permanente pela quase ausência de mulheres nos organismos superiores.

No Brasil, no nosso partido, sempre houve chances. Houve momentos, mais ou menos na década de 50, em que tínhamos 7 mulheres no Comitê Central. Era um número razoável. E o que aconteceu? Com o passar do tempo, várias foram ficando pra trás. Tinham filhos e tinham marido, que eram empecilhos na vida de qualquer mulher.

Eu não tive filhos, não "porque Deus quisesse". E marido pra mim foi um complemento na vida. Quer dizer: nunca subordinei minha vida a nada.

HELONEIDA — Al, Zuleika, você coloca uma coisa muito séria na vida de todas as mulheres. Essa coisa é erroneamente colocada como um dilema: ou a carreira, ou a família; ou a política, ou o amor. São poucas as mulheres que conseguem resolver isso.

ZULEIKA — Você teria que criar condições especiais, às vezes, para desenvolver uma mulher que tem um ou mais filhos.

HELONEIDA — E pra resolver as coisas dentro dela. Porque se deve levar em conta todo o sentimento de culpa, que foi botado por gerações e gerações anteriores, de que a mulher tem a função de cuidar do filho. E que quando se afasta do filho é uma pessoa que está abandonando esse filho. Eu tive muito esse grilo: trabalhando, não estaria abandonando minhas crianças? A vida prática mostrou que não. Por serem crianças muito amadas, curtidas, apoiadas, se tornaram muito mais ajustados, muito mais desenvolvidos que os filhos das donas-de-casa, minhas conhecidas.

ZULEIKA — Mesmo porque as mães que têm uma vida pública podem dar muito mais ao filho do que a mulher encerrada entre quatro paredes. Esta não pode dar nada à criança.

MÁRCIO — Qual o papel da luta da mulher pela igualdade, pela sua emancipação, dentro da luta mais geral do povo pela sua libertação?

ZULEIKA — Os comunistas fizeram uma resolução política sobre o problema da mulher. Foi uma das questões que mais debatemos, pra colocar essa questão de uma maneira correta. A primeira coisa que verificamos, já debatemos aqui, em pedaços: a mulher não pode estar à parte da transformação da sociedade, mesmo porque a sua condição é fruto dela. Colocamos essa questão de uma maneira que eu chamaria estratégica: precisamos envolver homens e mulheres na luta por uma transformação em profundidade na sociedade, para que o ser humano possa realmente ser livre e florescer em todos os campos de sua vida.

Acontece, porém, que no plano político a

mulher não pode passar a vida esperando este grande dia. A luta por essa transformação começa hoje, agora, dentro da minha casa e na sua. A curto prazo, você procura interessar a mulher por determinadas questões, que permitam a ela o fortalecimento de suas organizações, alcançar conquistas parciais. É um meio de conscientizá-la, fazer com que acumule forças.

Milhares de mulheres hoje querem viver uma relação de igualdade, de fraternidade, equiparação com os homens. Nós podemos, educativamente, levantar esta questão desde agora, sabendo que sua solução concreta é difícil enquanto você tem uma sociedade de classes. A relação homem/mulher se tornou um problema também colocado na ordem do dia.

A discussão não é a mesma, porém, em todos os lugares. Se você está falando com uma mulher na fábrica, com uma mulher na periferia, que tem dez filhos, não tem escola, não tem comida, ganha um salário miserável, logo perceberá que ela quer resolver primeiros os problemas do seu estômago, da sua vida. É difícil discutir com essa mulher, colocar como primário que ela deve ter um pleno florescimento sexual com seu homem. É uma coisa meio complicada.

Mas já existe um agrupamento de mulheres das camadas médias, em mesmo da burguesia, que já resolveram outros problemas e colocam esta questão como primária para elas. Acharmos que devemos nos interessar por isso, não só porque estas camadas são importantes para as transformações do Brasil, mas porque ela é do interesse de todas as mulheres — mesmo daquelas que ainda não sentiram, mas um dia sentirão esta necessidade.

O combate ao machismo é uma parte da nossa luta pela libertação no plano das idéias. Hoje o número de mulheres que se separam dos maridos não tá no gibi, porque, talvez não tendo a força de transformar esse homem, preferem evadir-se da situação. Na França há milhões de mulheres sós, como eles chamam. Preferem isso ao invés de contribuir, dentro da sua consciência, para fazer com que o homem avance com ela. É por isso que eu condeno o "guetismo" de certos movimentos feministas. Estou de acordo que você faça reuniões de mulheres, organizações específicas, porque é tal o seu atraso, inibição, que elas têm que aprender a manejar os instrumentos de debate e reflexão. Mas fazer um debate, como vimos aqui na França, sobre o aborto ou sobre os anticoncepcionais, ou sobre qualquer coisa, e não permitir a entrada de homens, é um absurdo.

Nós estamos trabalhando para ganhar a consciência de homens e mulheres. E feliz daquela mulher que tem o homem ao seu lado, dando força ao trabalho que ela faz. Não é fácil um homem assim, porque até os menos machistas um dia põem a pata pra fora, da maneira mais sutil.

HELONEIDA — Sempre digo que uma coisa é a cuca das pessoas e outra as emoções. E a gente vê muito homem que na cuca é muito progressista, adere as mulheres

feministas, diz que deve haver liberdade sexual, igualdade, mesma carreira, etc. Isso ao nível de cuca. Mas por dentro, emocionalmente, sente-se ameaçado, desestruturado, porque aquela mulher não é menor do que ele, não é subserviente, não vai obedecê-lo cegamente. Enfim, o cara se bate pelas mesmas coisas, quando chega na área do sentimento, sente-se profundamente ameaçado pela mulher independente, que não vai ficar menor do que ele.

MÁRCIO — Al aflora a formação cultural. **HELONEIDA** — Na área do amor essas mulheres são temidas, são de uma riqueza imensa, têm tudo para enriquecer e engrandecer o homem. Mas são temidas. O homem vai preferir aquela mulher que ele protege e comanda.

ZULEIKA — Fazendo elucubrações sobre o tema, conclui que você só pode ter uma relação plena homem/mulher maravilhosa quando as pessoas se entregam sem medo de nada. Quer dizer: eu sou tão livre que posso me entregar numa relação sem nenhum fator que me turve, que me atrapalhe; e porque eu não quero saber da vida da outra pessoa, quero ver a outra pessoa comigo na hora que estou com ela; e quero saber se é bom, se me satisfaz, se é interessante, se me enriquece, se partilha as minhas coisas.

MÁRCIO — E a luta da mulher por igualdade sexual? Qual sua importância?

ZULEIKA — Acho que uma das opressões mais sérias da sociedade sobre a mulher é a sexual. Às vezes ela se libera de tudo: na política, na cultura, na economia etc. A última libertação é a sexual. É uma das opressões mais bárbaras que a mulher sofre. Através da história percebe-se claramente que, à medida que a sociedade evoluiu, a mulher foi perdendo a liberdade sexual, à medida que a família evoluía, no sentido de transmitir herança. O problema no fundo é econômico.

Apesar de considerar a importância dessa luta, para todas as mulheres, às vezes isso não pode ser colocado como bandeira prioritária. Por exemplo, para uma mulher de fábrica, que não resolveu o seu problema de estômago. Se você chegar lá na porta da fábrica e disser que "você precisa florescer sua sexualidade, você não pode ser um buraco para seu marido", ela é capaz de, às vezes, colocar você pra correr por estar ensinando coisas feias.

Mas isso virá com o tempo. Nós temos que enfrentar mais esse problema também. O certo é que a luta pela igualdade sexual não é uma bandeira prioritária para a mulher operária, como é para certas camadas.

MÁRCIO — Acho que a mulher operária é a que mais sofre nesse sentido.

ZULEIKA — Quando o capitalismo embandeira essa tal de revolução sexual, ele o faz no sentido de continuar transformando a mulher num objeto. Naquele relatório da Shere Hite, o que me interessou no livro foi a conclusão final, quando ela diz que a bandeira da revolução sexual foi levantada nos

Estados Unidos, quando havia um surto de desemprego no país. Quer dizer, no meio de grandes dificuldades econômicas, levantam que a mulher deve sair dando para todo o mundo. Essa é a maneira dela se libertar? Você sabe que não é.

HELONEIDA — Esse tipo de pregação tenta fazer do sexo um valor em si. Ou seja: separa o sexo da regulação global entre homem/globo/mulher, e ensina as mulheres a consumir o sexo, como se fosse um xampu ou um copo d'água, o que não é. O sexo trata com outra pessoa, que merece todo o respeito, toda a estima. Isso seria até — não é Zuleika? — imitar os homens da outra geração que saíam de casa atrás de uma mulher. Você vê hoje, tem muitas mulheres, que se dizem liberadas, que saem de casa atrás de um homem.

ZULEIKA — Ele é um objeto, no fundo ele é um objeto. Eu vou dar um exemplo disso: é muito comum quando uma mulher se separa de um homem, porque ele arranhou outra, ela rapidamente passar a dormir com uma porção de homens para vingar-se. Ela tem que mostrar que perdeu um, mas em troca ganhou cem. Porque o valor para ela não é o seu valor como ser humano, mas é um valor que lhe dá um homem que está colado nela.

Eu acho esse aspecto da relação do homem/mulher, a libertação da mulher do ponto de vista que eu chamaria afetivo, a última



Doca Street (à esquerda), perdoado pela maioria das mulheres. E Fidel Castro, que fez uma lei que obriga os homens a dividir o trabalho doméstico.

etapa, a coisa final do seu processo de construção como mulher autônoma. Porque aí a carga é pesada. Veja um exemplo: um cara vive bem com sua mulher, mas ela já atingiu uma certa idade. Ele então vai buscar uma mulher que tenha 20 anos. Porque, como o homem troca todo ano seu carro, ele tem que trocar sua mulher velha por uma nova. E a mulher largada, sente-se desprezada, decaída, diminuída, cai nas clínicas de psiquiatria, começa a tomar bolinhas, bebe, vira um farrapo humano, porque lhe faltou aquele homem de quem ela dependeu a vida inteira, às vezes trabalhando com dependência de tudo.

Hoje estou num ponto em que a minha autonomia tem que ser completa. O homem para mim é complemento, como eu digo, um complemento bom, que você gosta. Mas se este homem for embora não me arranca nada, porque, se foi bom, enriqueceu, se foi mal, prejudicou, e foi bom que fosse embora.

HELONEIDA — Esse assunto, da mulher que envelhece e é devolvida para a prateleira, como um objeto de segunda, tem um outro lado. A gente estava até comentando o caso de uma senhora de certa idade. É uma atriz, uma pessoa de certa notoriedade, que está com um garoto que teria, segundo as más línguas, a idade de ser seu neto. E as pessoas todas estão censurando. Mas isso é censurado por ela ser mulher. Porque eu mesma tenho amigos que são homens encantadores que tem 50 anos e estão casados com meninas de 20, e que todas as pessoas aprovam. Agora, o contrário não se admite. Isto porque a mulher é vista como um objeto.

ZULEIKA — É uma coisa interessante, Heloneida. Você sabe que dentro dessa nova revisão, dessa reflexão, dessa análise que as mulheres começam a fazer hoje, a gente também está fazendo descobertas maravilhosas na gente. Vejo que eu, com 56 anos de idade, faço muitas coisas que muita menina de 30 não faz. Não faz e não tem condições de fazer, porque tenho a experiência que uma menina de 30 anos não pode ter, porque eu tenho uma vivência, um florescimento dentro de mim, que não permite que eu seja como a minha mãe, há 30 anos atrás, quando estava na minha idade. Você entende como é o negócio?

HELONEIDA — A mulher é muito mais forte que o homem. A mulher é sólida, é ágil, a mulher, realmente, você tem que contar.

ZULEIKA — Quando a gente diz "assumir a idade" é também um problema da nossa revisão: eu quero valer com a minha idade. Eu monto numa motocicleta e ando por todo o interior de Paris. Eu sou capaz de dançar a noite inteira, canto e toco violão, eu amo a vida, eu trabalho, e vejo meninas de 30 anos que são umas verdadeiras postas de carne. Não é um privilégio meu. A mulher também conquistou hoje o direito de ser jovem de espírito e jovem de corpo por um período muito mais largo do que ela tinha no passado, quando as mulheres com 30 anos, eram mortas para a vida. Isso é um negócio que nos orgulha.

HELONEIDA — Sem contar ainda que eu não falei da nossa potência sexual.

ZULEIKA — Bem, isso nem se discute. O mito da menopausa acabou. É exatamente uma revisão de nossas crenças, porque quando uma mulher entrava na menopausa ela morria para a vida, porque ela não gerava mais filhos, e o filho era a meta da mulher. Hoje não. A menopausa é quando ela muitas vezes floresce plenamente.

MARCIO — A gente está discutindo a emancipação da mulher. Você falando por exemplo, que a mulher para se emancipar sexualmente não precisava sair "dando" pra todo mundo. Mas geralmente é isso que se imagina. Você poderia falar um pouco mais sobre essa questão?

ZULEIKA — A mulher quando adquire maturidade nesse campo, tem a relação com o homem que quer, no momento em que ela acha que deve ter, e acha que isso é um "affair" seu. Ninguém tem nada a ver com isso. Eu quando estou com homem não é para que os outros saibam que eu tenho homem, porque isso para mim, socialmente, não me interessa.

Também não é o fato de ter mil relações. É o fato de você ter o direito de escolher o que você quer, sem ninguém a lhe impor, nem o pai. Há países africanos onde ainda vendem a mulher, como vendem os animais.

Socialismo e feminismo

São dois movimentos que nasceram juntos, no século passado, mas que, ao longo da luta, acabaram se distanciando.

Os primeiros movimentos feministas efetivos surgiram no século 19, ao mesmo tempo que os movimentos socialistas, indicando que tanto uns como outros nasceram da mesma preocupação igualitária. Foi, inclusive uma feminista histórica, a francesa Flora Tristan, a primeira a propor a união das classes proletárias em escala internacional, em seu livro "A união operária", publicado em 1843, cinco anos antes do "Manifesto Comunista". Mas sua morte prematura aos 43 anos e o caráter descritivo e autodidata de suas obras relegaram sua ação ao esquecimento.

Marx, com sua sólida formação de egresso dos cursos de filosofia alemães, foi muito além no campo teórico. Mas praticamente ignorou a questão feminina e a dominação milenar a que as mulheres estavam submetidas. Engels procurou preencher essa lacuna em sua obra "A origem da família, da propriedade privada e do Estado", uma análise extensiva do patriarcalismo. O fato de alguns desses conhecimentos estarem ultrapassados invalida vários de seus postulados teóricos, que eram, entretanto, avançados em seu tempo. Charles Fourier, outro teórico socialista anterior, propôs soluções mais abrangentes para as relações entre os sexos, que foram consideradas utópicas.

As lutas socialistas, que se desenvolveram a seguir, contaram sempre com a participação de mulheres, que marcaram sua presença em todos os movimentos revolucionários, especialmente no da Comuna, em 1870, e nas agitações de 1905 da Rússia czarista. Mas mesmo entre os socialistas, as mulheres encontraram oposição: durante as campanhas

pelo voto feminino, que se desenvolveram no fim do século 19 e começo deste, muitos socialistas alegavam que o voto feminino iria reforçar as posições conservadoras.

Com a introdução do socialismo na Rússia, esperava-se que houvesse uma grande transformação na situação das mulheres. As posições mais liberais em relação à família e às relações sexuais, logo após a Revolução de 1917, vieram alimentar tais esperanças. Com a subida de Stálin ao poder, voltaram a predominar as posições conservadoras em relação à família e à mulher. O que a mulher realmente obteve na URSS foi uma relativa igualdade no campo da educação e do trabalho. Mas quer nas fábricas, quer na burocracia do Partido, as mulheres sempre ocuparam posições subordinadas. Além disso, a igualdade não se estendeu a outros campos: o trabalho doméstico não foi socializado e continuou a ser um encargo da mulher e, no campo da moral sexual, a postura continua bastante puritana.

Nos outros países socialistas, os fatos se desenvolveram de forma mais ou menos semelhante, apesar das particularidades locais. Na China, é preciso reconhecer que se registrou um progresso imenso para as mulheres, em relação à situação anterior que tinham neste país. Em Cuba, há uma curiosa contradição entre as recomendações dos dirigentes e o machismo que ainda domina a cultura local. Como se trata de um país pequeno, que necessita de todos os braços válidos para a produção, Fidel Castro foi obrigado a baixar uma lei obrigando os homens a dividirem as tarefas domésticas com as mulheres, para que

estas fossem liberadas em maior escala para o trabalho na indústria e na agricultura.

Em linhas gerais, se as mulheres obtiveram certas melhorias nos países socialistas, sua situação ainda está bem longe de ser igualitária. Isso significa que, apesar de uma intensificação de sua participação política, as mulheres não estão obtendo, dentro dos sistemas existentes (capitalista ou socialista), as posições que mereceriam. Mesmo nos partidos de esquerda (socialistas e comunistas), sua posição continua subalterna, pois raramente ocupam cargo de direção.

Tudo isso tem feito com que as feministas considerem com bastante desconfiança as afirmações de certos representantes da esquerda de que tudo se resume na luta de classes e de que com o socialismo, a dominação sobre as mulheres desaparecerá. Como parece que o socialismo está demorando muito a chegar mesmo nos países socialistas, é evidente que outros caminhos devem ser procurados. Seria essencial que certas correntes de esquerda reconhecessem que nem tudo se limita à luta de classes, pois além dos fatores econômicos de dominação, existem outros que passam pelo sexo e pela raça, que o recrudescimento dos movimentos feministas, dos jovens, de minorias sexuais e de libertação dos negros puseram à mostra, especialmente a partir de 1968.

O movimento feminista, em função do próprio distanciamento da mulher dos centros de poder, surgiu de forma espontânea, sob a pressão da evolução social, e com um caráter que o aproxima mais do anarquismo, já que sua finalidade não é só a conquista do poder

tal como ele existe agora, mas de uma contestação do próprio conceito de poder. O que se pretende, em última análise, é que as relações humanas deixem de se estabelecer em termos de dominador e dominado.

Por isso mesmo, as relações do feminismo com certas correntes de esquerda mais tradicionais e dogmáticas não têm sido muito pacíficas. Houve diversas tentativas de descharacterizar as posições feministas, retirando-lhes qualquer seriedade, reduzindo-as a meras fantasias de mulheres histéricas (sic), ou rotulando-as globalmente como um "movimento burguês" (porque se estende às mulheres de todas as classes).

Talvez tudo isso sejam tentativas para evitar o reconhecimento de que existem outros tipos de dominação — e que todos são igualmente importantes. Em nome da estratégia e da eficácia, certos problemas devem ser esquecidos e adiados, mantendo-se o "status-quo". Esta é uma posição quase tão conservadora quanto a da direita.

Nos últimos tempos, tudo indica que a pressão dos movimentos feministas em todo o mundo veio trazer algumas modificações dessa mentalidade. Descobriu-se o fato fundamental de que as mulheres constituem um ponderável contingente político, com grande poder de arregimentação e ainda pouco explorado. É essa força política que muitos estão tentando encampar ou canalizar. Cabe às mulheres conscientes saber evitar a manipulação ou fazer com que a canalização se efetue para servir aos seus próprios interesses.

A política e os preconceitos

O movimento operário e o movimento feminista na Itália, segundo a socióloga socialista Erica Lucarelli

A socióloga italiana Erica Lucarelli, vice-presidente do Departamento Feminino da Internacional Socialista, de passagem por São Paulo, realizou uma conferência informal, no último dia 9, sobre a evolução política do movimento feminista italiano.

Na reunião, feita na casa da atriz Ruth Escobar, Erica explicou que as primeiras manifestações de luta das mulheres surgiram no século 19, ao mesmo tempo que as reivindicações de camponeses e operários por melhores condições de vida e de salário. A luta geral dos operários e sua organização se realizou, na Itália, através dos sindicatos e do Partido Socialista. Mas as mulheres tinham reivindicações específicas referentes à proteção do trabalho feminino, que se transformaram em conquista com a adoção de uma legislação de tutela do trabalho da mulher e dos menores.

Estava-se ainda muito longe das concepções feministas de hoje, que postulam uma posição inteiramente igualitária; mas, dentro do contexto da época, isso constituiu um progresso e representou uma primeira conscientização da mulher sobre seus problemas. A batalha seguinte que se travou foi a da conquista do direito do voto. Como nem sequer existia o sufrágio universal, já que só podiam votar os que possuíam uma boa situação econômica, a luta dos socialistas era a de estender esse direito a todas as classes. Em relação ao voto feminino, entretanto, houve uma grande resistência, inclusive daquelas correntes mais progressistas, porque se temia que as mulheres, sob forte influência da Igreja Católica, favorecessem as posições mais conservadoras. Este

foi, pelo menos, o argumento invocado para justificar a não extensão do voto à população feminina.

Apesar disso, elas conseguiam ter uma atuação política, no âmbito sindical e como grupo de pressão para obter modificações nas leis civis. Com a irrupção da Primeira Guerra Mundial, foi considerável sua participação nos movimentos pacifistas, realizando inclusive manifestações de massa contra a partida dos trens que conduziam os soldados para o "front". Foi uma batalha perdida, na qual morreram várias manifestantes em diversas cidades italianas, que se deitavam nos trilhos para impedir a partida dos trens.

Datam da época entre-guerras, os primeiros movimentos organizados exclusivamente femininos, alguns integrados por mulheres de esquerda e outros por mulheres católicas. Entre as primeiras destacaram-se Anna Tuliseioffi, uma das fundadoras do Partido Socialista, e Anna Maria Mossoni, que denunciou, dentro desse mesmo partido, a oposição ao voto feminino, além de iniciar as primeiras campanhas contra a prostituição.

Com a ascensão do fascismo, houve não só a diminuição dos salários das mulheres, como uma forte pressão para que elas se mantivessem exclusivamente no meio familiar, com a função primordial de "produzir filhos para a pátria". Enquanto isso, as correntes mais progressistas, que poderiam contribuir para a luta da mulher, eram dominadas pela repressão ou forçadas ao exílio.

Na organização do movimento de resistência, após a invasão alemã, as mulheres tornaram a mostrar uma atuação política. Mas dentro desta, ocupavam uma posição subordinada e marginal. A própria formação de um exército clandestino implicava na existência de um apoio maciço por parte da população e era nessas atividades de apoio (transporte de armas, ocultação de combatentes etc.) que as mulheres atuavam. Isso lhes valeu, no fim da guerra, a obtenção do direito de voto, num reconhecimento indireto de sua participação no movimento de libertação, tal como ocorreu na França. Com a queda do fascismo, foi promulgada uma nova Constituição, estabelecendo em seu artigo 3º a igualdade entre homens e mulheres. Mas ao lado desse dispositivo constitucional genérico, permaneciam inúmeras leis fascistas perpetuando a discriminação.

Iniciou-se então uma batalha contra a discriminação legal, que durou aproximadamente 30 anos. Talvez a mais importante modificação conquistada tenha sido a reformulação em 1971 da obsoleta legislação sobre a família. Mas as campanhas que realmente se transformaram em bandeiras femininas foram aquelas referentes à introdução do divórcio e da legalização do aborto. A primeira obteve a adesão de 60% das mulheres italianas, apesar da oposição da Igreja Católica, e a segunda chegou a mobilizar massas de 50 000 mulheres em praça pública.

Paralelamente, a partir das agitações estudantis de 1968, emergiu uma nova consciência das mulheres em relação às suas relações com os homens no campo privado e

não apenas político e profissional. A política entrou também na vida privada, abolindo uma divisão artificial e contraditória entre o público e o privado. Naturalmente, isso não deixou de criar inúmeras duplicidades, especialmente entre os militantes de esquerda. Era muito comum, por exemplo, que um militante apoiasse nas assembleias posições favoráveis às reivindicações femininas e, em casa, desmentisse pelos atos tudo o que acabara de defender publicamente. Ficou claro que a luta era também contra preconceitos profundamente enraizados na cultura e de remoção mais difícil.

O principal instrumento político das mulheres nessa nova fase, que visava mais à libertação que à emancipação, foi a autoconscientização realizada através de grupos de reflexão. Através deles, foi possível constatar que elas tinham vários pontos em comum em sua situação em casa e no trabalho, mesmo que pertencessem a classes diferentes. E que havia questões que poderiam enquanto mulheres, mobilizá-las como ocorreu nos casos do divórcio e do aborto.

No momento atual, segundo Erica Lucarelli, apesar de haver já um saldo positivo de conquistas, o feminismo enfrenta, entretanto, um impasse, fruto talvez de um erro político fundamental: a mulher continua a não participar como deveria das instituições que realmente dispõem de poder no mundo. E descobrir esses novos caminhos é a questão política fundamental do feminismo atual, para que se possa chegar a uma sociedade realmente igualitária em todos os seus aspectos. (M.C.C.)

IMPRENSA

Calúnias contra grupo feminista

Recebemos a seguinte carta do Grupo Nós-Mulheres, submetida à apreciação e apoiada pela Associação de Mulheres, Sociedade Brasil Mulher, Pró-Mulher e o Centro da Mulher Brasileira, dirigida ao diretor-presidente da revista Isto É, sr. Raymundo Faoro:

(...)

No domingo, 28 de outubro deste ano, o Grupo Nós-Mulheres realizou uma festa de solidariedade, cujos fundos possibilitariam a continuidade de nossos trabalhos — na qual foi projetado o belíssimo curta-metragem de Suzana Amaral, "Minha Vida, Nossa Luta", e apresentada a peça "A mais forte", de Strindberg, com a atriz Maria Alice Vergueiro. A festa contou também com um espaço para se dançar, tendo-se constituído em momento de alegria e solidariedade para a grande maioria dos que lá estiveram. Porque, apesar das injustiças bárbaras que caracterizam o País, e apesar das inúmeras lágrimas que os carrascos do povo nos têm feito chorar, como recentemente na morte do operário Santo Dias da Silva, apesar dos pesares, quando encontramos uma ocasião propícia somos capazes de rir, de estar bem, juntos em uma confraternização.

Infelizmente, jornalistas irresponsáveis e inescrupulosos, incapazes de respeitar um trabalho sério de militância como o sr. Wagner Carelli, utilizando covardemente de uma tribuna que não é garantida aos ofendidos — a revista Isto É não tem o hábito de conceder espaço para a resposta de pessoas e

instituições nela tratadas de forma indevida — veio caluniar, inventar fatos, usar o nome de terceiras pessoas, totalmente estranhas ao evento, e que só merecem nossa consideração e respeito, como a sra. Anita Leocádia Prestes, com o intuito claro de desmoralizar pessoas, instituições e idéias com as quais o articulista não está de acordo, pelo visto. A leitura do n.º 150 (p. 46) da revista já citada só pode provocar a indignação e o repúdio. O sr. Carelli é livre para colocar sua capacidade jornalística a serviço de quem quiser (mas certamente não está a serviço dos dominados, explorados e oprimidos de nossa sociedade) mas deve respeitar a verdade: assim, está desafiado a provar as afirmações que formula a respeito de nossa festa de solidariedade. Como estamos seguras de que não poderá fazê-lo, por se tratar de mentiras sórdidas, capazes de florescer somente em cérebros tão pouco sadios como o seu, gostaríamos que o sr., como diretor-presidente da revista que veicula tão grandes infâmias, utilizasse de seus poderes no sentido de reparar os danos que esse tipo de artigo sempre causa. Lamentamos, mas, mais, ter de declarar publicamente que o sr. WAGNER Carelli é um indivíduo mentiroso e caluniador, útil instrumento daquelas forças que têm interesse em desmoralizar as forças que se opõem à ditadura e ao arbítrio.

(...)

Maria Moraes
em nome do Grupo Nós-Mulheres
São Paulo - SP

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: OVO NACIONAL 3

Data: 11/79

Pág. 5

Pasta n.º

N.º do recorte

J. o vo nacional
pg 5
Ano 3
nov/79

BERÇÁRIO
um lar fora do lar

Como "deixar" seu filho sem sentir medos e angústias

As crianças também sentem solidão

Muitos pais não sabem disso mas a solidão — que assusta tantas pessoas adultas, amadurecidas, equilibradas — pode atacar também a criança, um ser ainda indefeso e por isso duplamente vulnerável a esse tipo de influência. E muitas delas não sabem nem mesmo explicar o que estão sentindo: "me sinto sozinho", "me sinto triste", "me sinto triste nos amigos ou na escola".

Em São Paulo, a televisão é a babá de crianças carentes.

Uma babá fora de casa, para as emergências

SÃO PAULO

Criarte r. Morás, 428, tel. 210 6136, Pinheiros. Aceita alunos desde o maternal até o 3.º ano do 1.º grau em regime de meio período. Não tem lu-

Cr\$ 1.700,00, com férias em julho, janeiro e fevereiro. Cidec av. Miruna, 758, tel. 61-1048. A escola aceita desde recém nascidos até crianças de 6 anos. Não fecha nas férias nem em fins de semana, funcionando como hotelzinho. Oferece as refeições. tivo da escola é fazer com que a criança se sinta aceita e amada e onde se desenvolva sem censuras, com muito afeto e orientação.

Comecinho de Vida al. dos Tupiniquins, 997, tel. 241-1915, em Moema. Aceita

colar. A escola, além de preparar a criança para a alfabetização dedica atenção especial aos primeiros anos de vida, ao desenvolvimento psicomotor da criança, que tem aulas de ginástica e natação, todos os

Pinheiro Goldberg chegou a tristes

A atualidade do tema CRECHE: um assunto que vem sendo discutido em diversas publicações como a revista "Psicologia Atual", o "Jornal da Tarde" e outros mais.